

**Resgate da História do
Departamento de Química (DQ)
da UFSCar**

São Carlos, 2024

**Dedicado a todos que contribuíram e
contribuem para a construção
do Departamento de Química da UFSCar**

Tópico	Página
Introdução	4
Depoimentos dos docentes e Técnicos Administrativos	6
Lista de Docentes do DQ em 2024	103
Lista de Técnicos Administrativos no DQ em 2024	105
Lista de ex-docentes do DQ	106
Grupo PET	108
CAQUI- Centro Acadêmico da Química	109
Chefes do Departamento de Química	111
Coordenadores do Curso de Licenciatura em Química	113

Introdução

Em Março de 1970 as atividades docentes na Universidade Federal de São Carlos- UFSCar- foram iniciadas, com o oferecimento de dois cursos: Engenharia de Materiais e Licenciatura em Ciências. Em 1971 foi criado o curso de Licenciatura em Química e em 1972 já haviam outros cursos sendo oferecidos na UFSCar. Segundo consta em Ata de reunião da Câmara do Departamento de Química do dia 28 de Dezembro de 1978 assinada pelo então chefe do DQ o Prof. Alberto Senapeschi:

‘.....o número de professores havia crescido, justificando-se um início de estruturação acadêmica com objetivos bem definidos. A criação dos Departamentos foi feita dentro do espírito das universidades modernas, em cujo esquema os Departamentos constituem-se nas unidades básicas de administração, ensino, pesquisa e extensão’.

Finalmente, a 24 de julho de 1972, foi criado o Departamento de Química, com a nomeação de uma chefia "pro tempore" na pessoa do professor Mário Tolentino.

Na década de 1970 São Carlos era uma cidade de aproximadamente 90 mil habitantes e apesar de uma cidade distante da capital já tinha um campus da USP desde 1953. Com mais de 250 milhões de habitantes no ano de 2019, a Cidade do Clima hoje é mais conhecida como Capital Nacional da Tecnologia.

Em 2020 o DQ tem 50 docentes, 21 Técnicos Administrativos, dois cursos vinculados ao Departamento (Licenciatura e de Bacharelado em Química), um Programa de Pós-Graduação com nota máxima (7) da CAPES. Enfim, o DQ é um dos importantes Departamentos da UFSCar e com destaque no Brasil. De que maneira a UFSCar e mais especificamente o DQ contribuíram para o crescimento de São Carlos? Qual é o impacto desta Instituição na vida das pessoas que aqui habitam? De 1972 até hoje, como o DQ foi modificado em relação ao ensino, à pesquisa, à extensão, às pessoas que ali trabalham e estudam?

Certos de que muitas histórias interessantes podem e devem ser resgatadas e contadas, o grupo PET-Química convidou os docentes e Técnicos Administrativos a darem seus testemunhos e suas impressões das modificações do DQ ao longo dos anos.

O grupo dedicou-se a ler os depoimentos, enviar novamente aos convidados com solicitação de esclarecimentos, e torna público o que chamamos de ‘Resgate da História do DQ’. A apresentação dos textos se inicia com o depoimento do Prof. Timothy John Brocksom, que está no DQ desde 1976 e participou ativamente da criação do departamento e do Programa de Pós-Graduação em Química, e segue em ordem alfabética.

Nosso objetivo é que a história do DQ não se perca e, com desejo de agradável leitura, agradecemos todas as pessoas que contribuíram com seus depoimentos e suas lembranças.

Grupo PET-Química, 2020

Tutora: Profa Dra Dulce Helena Ferreira

Alunos PETianos:

Ana Paula Gucoff; Gabriel Antonio; Heloisa de Freitas; João Victor Da Costa Pedroso; Kyara de Julio; Leticia Satiko Seo; Maria Julia dos Santos; Matheus Almeida Favero; Naira Alves de Souza; Natalia Evangelista; Natasha Cesario; Nicolay Batista Barbosa; Ronewalber Balboena Gomes; Vinicius Takeshi Nakazawa

Depoimento do Prof. Timothy John Brocksom

Em 1976 fui convidado a visitar a UFSCar para conversar com o então Reitor Luiz Edmundo de Magalhães (reitor da UFSCar de 1975 a 1979) sobre um projeto para desenvolver no DQ. A ideia do Reitor era iniciar uma linha de pesquisa em síntese (orgânica) aplicada envolvendo matérias primas naturais e disponíveis na região de São Carlos. Ele ficou sabendo que eu já fazia isto no IQ-USP, dentro do convênio entre a National Academy of Sciences (Washington) e o CNPq, e em colaboração com Nicola Pertagnani. De fato, a nossa linha mestre envolvia o aproveitamento de produtos naturais terpenóides encontrados em óleos essenciais brasileiros abundantes, e que seria uma versão de química sustentável (verde) da biomassa nacional, até antes destes temas passarem a serem reconhecidos. A proposta incluía a contratação de uma equipe, sem número definido, e a construção de um prédio próprio para o DQ (originalmente três prédios). É muito importante constatar que estas discussões contavam com a presença do Mario Tolentino (Tolão), então Chefe do DQ, e pessoa fundamental no desenvolvimento daquilo que seria relatado a seguir.

Depois de discussões no “Bloco 11 S” do IQ-USP, aceitamos o convite do Reitor, com uma equipe contando com Ursula Brocksom, José Tércio Barbosa Ferreira e João Valdir Comasseto. Isto se deu nos últimos dias de 1976, e a mudança se procedeu durante os primeiros meses de 1977, com inúmeras viagens de Fusca na estrada de pista única (Rodovia Washington Luiz). Trouxemos materiais de laboratório para tentar equipar um laboratório praticamente inexistente. Não devo lembrar tantos comentários dos colegas do IQ-USP sobre a nossa mudança, a não ser “vocês estão indo para o fim do mundo” (Luiz Pitombo).

Além das aulas de graduação iniciadas em 1977, iniciei as primeiras atividades de pesquisa do DQ, ao lado de João Batista Fernandes (JB), num laboratório que era dito “um estábulo convertido”. Vale a pena comentar o primeiro projeto desenvolvido para ajudar situar as condições daquele momento; a reação entre clorofórmio e NaOH aquoso concentrado, com transferência de fase (PTC, com um sal de amônio quaternário) estava entrando na moda, e o diclorocarbeno gerado em situ era reagido com limoneno. O produto dicloro ciclopropano então era tratado com AgNO_3 levando por uma reação eletrocíclica a um cicloepteno inédito. Desculpe aos colegas não

orgânicos, mas a graça é que eu conseguia arranjar todos estes produtos químicos por doação ou do almoxarifado do laboratório (o único) de ensino experimental! A vidraria era um béquer, com agitação magnética, também do lab de ensino!

Um aparte! O Tolão aproveitou a nossa vinda, e mandou contratar simultaneamente quatro jovens do curso de graduação-Licenciatura em Química (Sonia Biaggio, Romeu Rocha, Nerilso Bocchi e Orlando Fatibello), provando a sua grande capacidade de acertar. Também devo constatar aqui que o DQ, sob a chefia do Tolão, tinha duas coisas já em 1976 que muitos departamentos de química no Brasil ainda não possuem hoje. Estou me referindo a uma oficina de vidraria com dois vidreiros em início de atividades (Gentil e Ademir Sertori), e um Espectrômetro de Ressonância Magnética Nuclear de 60 MHz, além de alguns outros equipamentos relevantes para um químico orgânico (um Cromatógrafo a Gás, por exemplo) e ainda um almoxarifado para ensino experimental com a porta aberta.

Após esta instalação inicial, voltei à questão de espaço físico e uma previsão de aumentos grandes em demanda para ensino experimental e atividades diversas de pesquisa. A promessa do reitor foi cobrada, e devido á situação orçamentária federal, fixamos em um único prédio de dois andares com laboratórios e administração. Aí eu passei a discutir a construção deste prédio com os engenheiros da ASPLAN e em contato com a divisão de obras (DOM). Felizmente, combinamos que eu faria todo o planejamento interno de um prédio de dois andares, simplesmente determinado pelas dimensões externas. Então parti para o planejamento interno, com o apoio do Tolão e uma ajuda inicial do Roberto da Silva (Bobby). Com a experiência adquirida em vários laboratórios em quatro países diferentes, detalhei o andar térreo para ensino experimental e laboratórios auxiliares, reservando o andar superior para pesquisa e administração. Os laboratórios foram planejados de forma semelhante nos dois andares, com as bancadas completas e as salinhas anexas internas atendendo aos dois lados. Todo o espaçamento, inclusive dos corredores, seguia exigências de segurança até de fuga em caso de incêndio. As bancadas foram planejadas baseadas em dimensionamento de alturas e comprimento de braços de pessoas de tamanho médio. Finalmente, toda a alimentação de água, energia elétrica e esgoto foi planejada pela simplicidade e baixo custo de material disponível em lojas comuns. Uma marca registrada foi as tampas das

bancadas de madeira maciça tratadas com uma mistura mágica do Celso Bigode, aplicada por nós mesmo. Até as capelas eu consegui fazer com os funcionários da DOM, e com vidro triplex de segurança (inéditas no Brasil na época).

Durante a construção eu me divertia com as perguntas dos colegas que queriam saber sobre o novo prédio e até o local, já que eu tinha que andar por um trilho passando pelos eucaliptos e ninguém queria me acompanhar! Por outro lado, durante a construção nunca vi nenhum engenheiro da ASPLAN para atrapalhar, mas tive que brigar bastante com o mestre de obras que definiu “quem manda aqui sou eu”!

Na sequência, surgiu a ideia de trazer a Escola de Verão em Química Orgânica para a UFSCar. Em 1973, Otto Gottlieb tinha me convidado a apresentar um minicurso na sua Escola de Química Orgânica, realizada anualmente na época em julho na UFRJ, e com grande repercussão nacional. Por coincidência, o Tércio tinha participado neste mesmo evento como aluno, e também percebeu a importância deste tipo de encontro. Assim, o grupo inteiro de orgânica (Ursula, Tércio, Comasseto, Fátima, JB e eu) passou a planejar a oferta de uma nova escola. Mas, primeiro eu precisava solicitar permissão para o dono da ideia, e felizmente para nós o Otto abriu mão e deixou a sua Escola ser transferida para UFSCar. Inicialmente, nós decidimos investir em talentos nacionais para conduzir as atividades científicas, ficando a cargo do Tércio todo o planejamento “social” e exaustivo. Alguns anos mais tarde e com a chegada do Eliezer J Barreiro, a nossa escola passou a se internacionalizar com o curso do Andrew Greene (Grenoble). Eu acho que posso terminar com a frase, “e o resto é história”.

Neste início de atividades, o aprimoramento do ensino de química sempre foi (e continua sendo) uma preocupação dos “novatos”. A carga horária da época era de 40 horas semanais e com a presença exigida aos sábados. As disciplinas teóricas eram de seis horas semanais, e havia muita preocupação também com disciplinas sobre metodologias de ensino. Por outro lado, os alunos não tinham tempo para estudar e muito menos praticar uma iniciação científica (IC). Assim, começou uma discussão com Bobby e Tolão sobre a estrutura curricular, que levou a uma redução para 26 horas semanais, a implantação oficial de IC, e mais estudo e cobrança. Estas mudanças foram mais um exemplo da imensa capacidade do Tolão de se reinventar e entender o futuro, ainda que acho que ele sabia que “a gente estava errado”.

Apesar de que o DQ estava se estabelecendo de forma produtiva, mas com muitos tropeços iniciais de conseguir financiamentos individuais da FAPESP, sentimos a necessidade de um financiamento maior e mais departamental. Assim, eu e JB começamos procurar a FINEP com o intuito de solicitar um auxílio grande e multi-usuário dirigido para o grupo de orgânica. Não sei quantas viagens fizemos para Rio, quantas horas de chá de espera, quantas conversas furadas e promessas nunca cumpridas. Até pedi para o então reitor da UFSCar Prof. Saad Hossne (Reitor da Universidade de 1979 a 1983) fazer uma ligação telefônica amiga, mas o resultado final apareceu numa conversa casual com o presidente da FINEP. Um financiamento de grande porte só poderia ser liberado para uma unidade com curso de pós-graduação formando recursos humanos.

Voltei para casa e passei a planejar a criação de um curso de mestrado, com as dificuldades internas de uma aprovação não-automática, e com as dificuldades externas de aceitação na comunidade paulista. Na época havia muitas restrições “políticas” à criação de novos cursos de pós-graduação, especialmente o que podia interferir com a hegemonia da “velha” USP. Mais uma vez, eu contei com o inestimável apoio moral do Tolão, e surpreendentemente alguns colegas da própria USP. Era necessário preparar um projeto adequado às normas vigentes da CAPES, e submeter ao conselho de curadores da UFSCar para uma pre-aprovação interna, antes da submissão definitiva para CAPES. A minha proposta final contou com a criação de um mestrado em química, com uma área principal de orgânica baseada no número mínimo de cinco doutores (os seis orgânicos), e uma área secundária de físico-química com o número mínimo de três doutores (Lee, Ione e José Carlos). Também, quero frisar que todos os pesquisadores indicados já tinham financiamentos próprios e produção científica. Num momento de grande mestre, o Tolão me aconselhou “fortemente” a pedir para Adalberto Perdigão a tarefa de submeter a proposta interna ao conselho de curadores, o que aceitei de imediato. Assim, o projeto foi aceito internamente, e depois submetido à CAPES com aprovação. O programa poderia lembrar com gratidão o trabalho interno do Adalberto.

A fase inicial do nosso programa foi muito tumultuado, com poucos alunos (fracos) e ainda menos bolsas. Eu ainda continuei orientando em outros lugares, até no IQ-USP de São Carlos. Quem diria hoje! Obviamente, fui o primeiro coordenador do

programa oficial, contando com a grande ajuda do Eliezer como vice coordenador. Com o mestrado em funcionamento, voltamos à FINEP, e com a grande sabedoria carioca do Eliezer, saiu o primeiro financiamento de vulto.

Durante os meus dois mandatos como presidente de área de Farmácia e Química da CAPES, eu tentei maximizar a integração nacional dos cursos de pós em química. Hoje, organiza-se reuniões nacionais sobre atividades de pós-graduação para que os programas, através dos seus coordenadores, discutam, compreendam e aperfeiçoam as suas ações com o intuito de melhorar os seus cursos. Seria interessante lembrar que o *primeiro* encontro nacional eu promovi em São Carlos, e foi organizado pela Ursula.

Durante o período inicial da UFSCar não havia o organograma que hoje temos, mas uma interação direta entre o reitor e os departamentos, através do seu chefe. Este contato maior e mais direto permitia a solução muito mais rápida e muito menos burocrática dos problemas de ensino e pesquisa. Posso escrever hoje que nesta época o reitor era uma pessoa relevante, útil, acessível e às vezes competente. Eu tinha uma posição de certo privilégio em consultar os reitores, e participar em decisões estratégicas. Neste sentido, quero comentar a criação da primeira câmara de pós-graduação e pesquisa, que antecedeu a criação da pró-reitoria correspondente. Nesta primeira câmara participávamos eu, um professor do programa de pós do DeMa, e dois professores do CECH, além de vários pós-graduandos. Praticamente, criamos as ideias sobre pesquisa e pós graduação na UFSCar, o que permitia a introdução de novos cursos de pós na UFSCar de uma forma mais acadêmica e menos burocrática. Apesar das formações bem distintas dos quatro componentes desta câmara, concordamos surpreendentemente numa linha mestre de atuação que pode ser resumida como sendo: a câmara não se mete nas ações e decisões internas dos programas individuais, porque os programas são independentes e certamente muito distintas e diferentes entre si, e não podem ser sujeitos às mesmas regras. Que pena que não se respeita mais!

O nosso DQ sofreu poucos acidentes mais sérios, e isto se deve em parte um plano meu e do Tércio envolvendo produtos químicos orgânicos inflamáveis, que muita gente nem percebe. Os solventes em granel ficam num almoxarifado específico, distante do local de destilação. Os reagentes de volume/quantidade bem menores ficam num

segundo almoxarifado, todos distantes dos laboratórios de pesquisa para minimizar quantidades em uso pelos alunos.

Evidentemente, participei várias vezes de chefias e coordenações e ainda a instalação de “insalubridade” e a nossa extinta CIPA. O nosso programa de pós-graduação em nível de doutorado foi criado também com resistências políticas ‘uspianas”, mas com a tremenda ajuda da Ursula conseguimos aprovar e basicamente com quase o mesmo corpo docente do mestrado. A primeira tese defendida foi da minha aluna Elisabete Canevarolo!

Acho que já apresentei bastante sobre a fase realmente inicial.

Depoimento da Profa. Arlene Gonçalves Correa

-Quando iniciou suas atividades no DQ?

Abril de 1991

-De onde você veio?

Eu vim da Universidade Federal de Uberlândia

-Qual era o tamanho (físico e de pessoal) do DQ e da UFSCar?

O corpo docente do DQ deveria ter cerca de 35 professores.

-Como era dividido o DQ (por grupos de pesquisa?)

O DQ era como é hoje porém não tinha a área de ensino de Química nem de Geral no PPGQ

-Exerceu algum cargo de direção, Coordenação de curso, tutoria de PET?

Chefia do DQ de 2009 a 2013

-Como o Ensino foi modificado até hoje?

Não tinha computador nem celular na sala de aula. Usávamos a lousa e no máximo transparências com retroprojektor

-Como a Pesquisa foi modificada neste período?

A aquisição de grandes equipamentos e principalmente a internet para a busca bibliográfica com os periódicos CAPES.

-Como o DQ contribuiu no desenvolvimento da UFSCar?

O DQ sempre foi o departamento que mais tem produção científica e junto com o DeMa o que mais consegue financiamento a pesquisa tanto de agências de fomento como da iniciativa privada

-Na sua percepção há diferença no convívio dos docentes com os alunos (comparando quando entrou no DQ e agora)?

O DQ e o PPGQ tinham bem menos alunos e por isso a convivência era muito maior. As festas na churrasqueira do DQ eram frequentes e envolviam quase todos os grupos, especialmente as que eram promovidas pelo Prof. Tercio na EVQ. Todas as defesas eram comemoradas lá.

-Há alguma coisa que já houve no DQ, não há mais, mas seria bom ter (recuperar)

Depois desta quarentena, só de poder voltar a trabalhar no DQ já seria ótimo.

Depoimento do Prof. Carlos Ventura D'Alkaine

Cheguei e fui contratado como professor titular em Agosto de 1979. Cheguei de um período turbulento da Argentina onde tinha sido demitido do Instituto Nacional de Tecnología Industrial (INTI) mas tinha logrado passar despercebido inicialmente como Professor Adjunto de Faculdade de Engenharia da Universidade de Buenos Aires.

Minha vida Científica pode ser encontrada na revista "Ciencia y Investigación. Resenhas" dedicada a resenhar a vida de científicos argentinos onde assinalo que praticamente a metade dessa vida foi produto do Brasil e suas características. Fiz meu Doutorado em 1966-1968 na Universidade Carolina de Praga e fui pesquisador visitante no período de 1969-1972 na Universidade Livre de Bruxelas.

A minha chegada ao Departamento que tinha poucos anos de vida, não tinha ainda pós-graduação. A universidade era nova e estava definindo seus caminhos futuros. Eu tratei de ajudar formando gente (ajudei contribuindo a formar vários professores do DQ), participando na construção da UFSCar via minha representação do professores Titulares no Conselho Universitário, na construção do atual sindicato dos Professores (ADUFSCar) e, principalmente fazendo pesquisa científica para publicar nacional, na América Latina e internacionalmente.

Ao mesmo tempo resolver problemas nas indústrias em minhas áreas de atuação tecnológica, mas sempre com a colaboração de meus colaboradores para que aprenderam pela prática a interação com empresas e de como esse tipo de trabalho tem diferenças com o trabalho de pesquisa acadêmico mesmo que este foi sempre meu motivo pessoal, fundamentalmente, mas devemos pagar a sociedade essa possibilidade.

Nunca exerci cargo de direção pois sempre considerei que devia atuar contribuindo com o que me permitia minha personalidade e minha história, mas respeitando que quem deveria decidir fossem brasileiros natos. Após ter trabalhado em Argentina, Praga e Bruxelas sempre me senti como um estrangeiro no mundo (possivelmente pelo meu dever intelectual). Por outro lado essa estratégia me deixava livre para atuar e pensar livremente e realizar todos meus trabalhos científicos, tecnológicos e de formação.

Mas minha observação do departamento e da UFSCar, participando e tendo em conta meu interesse pela história, me permitem ser um testemunho descompromissado de que este departamento e a Universidade tem crescido produzindo acadêmica e

cientificamente, ao mesmo tempo que sobre a base desse crescimento foi passando a colaborar com os problemas da sociedade como a condição da América Latina o exige.

Por isso eu afirmo sempre que se existem instituições que em muitos, muitos casos cumprem sua função na América Latina, SON AS UNIVERSIDADES, sus profesores e alunos de todos os níveis, sem olvidar todos os auxiliares técnicos e administrativos sem os quais muitas coisas não seriam possíveis.

Depoimento da Profa. Dulce Helena Ferreira de Souza

Eu entrei na UFSCar em agosto de 1981 para cursar Bacharelado e Licenciatura em Química. Em 1985, conclui o curso de Bacharelado e iniciei o mestrado no PPGQ/DQ sob orientação do Prof. Dr. Willibrordus Copray, no grupo de Química Inorgânica. Em 1989 iniciei o doutorado no Instituto de Química da USP de São Carlos. Fui contratada como docente no DQ em agosto de 2005 e fui convidada a participar do grupo de Química Orgânica do DQ. O chefe do DQ em 2005 era o Prof. Antonio Gilberto Ferreira. O DQ, assim como os demais departamentos das Universidades Federais, ficou muito tempo sem contratar docentes e até a metade da década de 2000 teve uma tímida retomada de contratações.

A experiência de voltar para o DQ, o local onde fiz a graduação e o mestrado, agora como docente, foi emocionante, é uma sensação da qual nunca vou esquecer até porque ficou em mim por muito tempo. Muitos dos docentes que estavam no DQ tinham sido meus professores na graduação e/ou na pós graduação.

Fui vice-coordenadora do curso de Licenciatura em Química no período 2009 a 2013 (enquanto Profa Lucia Mascaro foi coordenadora) e coordenadora do mesmo curso por 2 gestões (agosto de 2013 a agosto de 2017), onde tive a oportunidade de participar ativamente da construção e implementação da nova grade curricular do curso.

A partir de Março de 2020, assumi a tutoria do grupo PET-Química.

Desde que estou no DQ como docente as grades curriculares dos cursos de Bacharelado e de Licenciatura foram modificados, no intuito de modernizar os mesmos. Em termos de estrutura física pouco mudou, talvez um pouco mais de recurso com projetores de slides nos ATs. Porém, nossos laboratórios de aulas são os mesmos desde quando eu era aluna, na década de 1980.

A pesquisa no DQ sempre foi muito forte, sempre houve grupos de pesquisa de ponta e reconhecidos dentro e fora do país. Devido a expansão de vagas de docentes pelo REUNI (iniciado em 2009) vários docentes foram contratados o que possibilitou um aumento no número de pesquisadores nos grupos de pesquisa.

Em dezembro de 2019 o DQ ganhou uma expansão também de espaço físico, com a expansão do LIEC e a construção de um novo prédio (NanoBio), o que acredito vai alavancar ainda mais a pesquisa desenvolvida no DQ.

O DQ sempre foi um dos departamentos importantes na UFSCar, seja por ser responsável por oferecer disciplinas para diversos cursos (como engenharias, biologia,

biotecnologia) assim como por ter um alto potencial em pesquisa, que também abrange diferentes áreas.

Acho que o convívio no DQ entre alunos, docentes e técnicos é bastante harmonioso e sem atritos. Conforme o Departamento aumentou tanto fisicamente quanto em número de pessoas, o encontro entre as pessoas foi diminuído.

Algumas passagens que considero importantes:

- as contratações de docentes devido ao REUNE a partir de 2009;
- as novas grades dos cursos de Licenciatura e Bacharelado;
- em relação ao PPGQ, dois momentos importantes: quando fomos rebaixados para 6, com o DQ sentindo muito essa situação, e quando subimos para 7 novamente, quando houve uma euforia e uma união entre os docentes;
- as celebrações aos aposentados, docentes e técnicos;
- As EVQ e seus churrascos e cerimônias de aberturas;
- a conclusão dos prédios novos (expansão do LIEC e o prédio NaNoBio) em dezembro de 2019.

Depoimento do Prof. Edenir Rodrigues Pereira Filho

Minhas atividades no DQ/UFSCar foram iniciadas em agosto de 2006. Sou natural da cidade de Colatina no estado do Espírito Santo (ES). Nasci em 1975 e até os 4 anos de vida morei no ES. Após esse período minha família mudou-se para Montes Claros – MG e depois para Imperatriz – MA. Por volta de 1984 fixamos residência em Montes Claros, onde moramos até 1992 e concluí o curso técnico em Química. Em 1993 mudei para Valinhos – SP onde cursei Bacharelado em Química na Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas, Campinas – SP). Paralelamente ao curso de graduação, trabalhei na Duravin resinas e tintas e na Embrapa Meio Ambiente. Terminei o curso de graduação em 1996 e em 1997 pedi demissão da Embrapa e ingressei no curso de mestrado acadêmico do Instituto de Química da Unicamp. Concluí o mestrado em 1999 e iniciei, na sequência, o doutorado também na Unicamp. Concluí o curso de doutorado em 2003. No ano de 2001 estive na Alemanha para um período de doutorado sanduíche .

- Qual era o tamanho (físico e de pessoal) do DQ e da UFSCar?

Em 2006 o DQ tinha cerca de 2000 metros quadrados e não possui os prédios do Nanobio. O corpo docente era formado por cerca de 40 professores.

-Exerceu algum cargo de direção, Coordenação de curso, tutoria de PET? Qual período

Fui chefe do DQ no período de 2013 a 2015.

- Como o Ensino foi modificado até hoje?

O ensino se modificou bastante. Hoje temos mais recursos audiovisuais e mais ferramentas estão disponíveis na internet para ensino remoto com o uso de vídeos e computadores.

-Como a Pesquisa foi modificada neste período?

A pesquisa evolui de forma considerável com apoio das agências de fomento federais e estadual. O DQ e a universidade conta com um parque de equipamentos moderno e alinhado com o que existe de melhor no mundo.

-Como o DQ contribuiu no desenvolvimento da UFSCar?

O DQ apresenta ao longo dos anos um perfil bastante consolidado no que se refere ao ensino e à pesquisa. Hoje o DQ é responsável pela organização de eventos nacionais e internacionais. Um desses eventos é a Escola de Verão em Química que teve a sua edição de número 40 em 2020.

-Qual importância da UFSCar para a cidade e/ou região?

A UFSCar atrai alunos da capital e interior do Estado de São Paulo. Além disso, recebemos alunos de outros estados e até do exterior. A UFSCar também possui ações para receber alunos indígenas, refugiados e negros.

-Na sua percepção há diferença no convívio dos docentes com os alunos (comparando quando entrou no DQ e agora)?

Não tenho uma percepção clara sobre esse assunto, mas parece que antigamente (cerca de 10 anos atrás) o convívio era ruim. Hoje em dia me parece menos pior.

-Há alguma coisa que já houve no DQ, não há mais, mas seria bom ter (recuperar)

Poderíamos ter seminários dos docentes periodicamente.

-Passagens que julgue importante/interessante

Comemorações do ano internacional da Química em 2011

Primeira escola de inverno em quimiometria em 2013

Quadragesima edição da EVQ em 2020

Foto da posse dos Profs André, Alcindo, Edenir, Emerson e Regina, em Setembro de 2006. Prof. Emerson não aparece na foto. Também na foto estão Prof. Gilberto Ferreira que era o chefe do DQ na ocasião e o Ricardo Audálio, secretário do curso de Licenciatura em Química.



Depoimento do Prof. Edson Rodrigues Filho

Fui aprovado em concurso em Fevereiro de 1992 e contratado como Prof. Auxiliar de Ensino em Abril do mesmo ano. Fiz Mestrado no PPGQ-UFSCar em 1987 (Março) - 1989 (Fevereiro) e também doutorado no mesmo programa em 1989 (Março) - 1992 (Maio).

- Qual era o tamanho (físico e de pessoal) do DQ e da UFSCar?

A área física bem menor. Não havia a ala onde fica o LaBioMMi, essa parte que só tem o térreo, sem primeiro piso. Os prédios anexos também não existiam. As salas de "reações perigosas" e Prédio do "ensino" onde hoje ficam os laboratórios das Profas Quezia e Dulce, foram construídos bem depois. Quanto ao pessoal, havia pouquíssimos alunos de PG (acho que minha tese esteve entre as 10 primeiras). Professores eram em torno de 25-30.

- Como era dividido o DQ (por grupos de pesquisa?)

Como hoje! Infelizmente ainda somos organizados por grupos (como é a representação na PG), e por categorias representadas no CD.

-Exerceu algum cargo de direção, Coordenação de curso, tutoria de PET? Qual período

Fui vice em praticamente tudo.

- Como o Ensino foi modificado até hoje?

Infelizmente continua tudo do mesmo jeitin!!! Não houve nenhuma mudança significativa. A "evolução" de quadro-giz pra transparências em retroprojeter, e então para "power-point", além da introdução de algumas ferramentas computacionais, não significam, na minha visão, evolução alguma! Continuamos dando aulas expositivas para alunos desobrigados de participar, fazemos P1, P2, e sub (depois rec), e pronto!!! Incrível que estamos fazendo da mesma maneira há tantos anos.

-Como a Pesquisa foi modificada neste período?

A infraestrutura instrumental para boas pesquisas científicas no DQ, esta sim, é absurda a evolução que tivemos nas diversas áreas. Os laboratórios do DQ, pode-se dizer, são todos ricos. Infelizmente, há poucos alunos que conseguem usufruir adequadamente dessa infra-estrutura. O resultado disso é que, de novo no meu ponto de vista, nem todos nós estamos respondendo com produtividade à altura desta condição, especialmente em algumas áreas, incluindo o meu laboratório e meu grupo.

-Como o DQ contribuiu no desenvolvimento da UFSCar?

O DQ sempre esteve entre os 1-3 principais departamentos da UFSCar em termos de produtividade científica, muitas vezes liderando. No mesmo sentido, o DQ-UFSCar tem formado uma legião de excelente profissionais que hoje atuam em todos os setores no Brasil e no exterior, na academia, na indústria em altos cargos, ou ainda como empresários.

-Na sua percepção há diferença no convívio dos docentes com os alunos (comparando quando entrou no DQ e agora)?

Hoje é MUUUUITO MENOR! Essa era uma das principais característica do DQ que se perdeu com o passar dos anos.

-Há alguma coisa que já houve no DQ, não há mais, mas seria bom ter (recuperar)

Festas, passeios de bike, futebol com profs do DQ, etc.

Depoimento da Profa. Elizabeth de Mattos Moraes

Iniciei minhas atividades no DQ no segundo semestre de 1970, para dar aula de Química Geral Experimental, para o curso de Licenciatura em Ciências. Fui a terceira pessoa contratada pelo DQ, Adalberto Perdigão Pacheco de Toledo, o primeiro, e Mario Tolentino, o segundo. Antes disto, em fevereiro de 1970, fui aprovada em um exame para técnico de laboratório de Biologia, na UFSCar, cujo professor responsável era Luiz Antonio Carlos Bertollo, único da área. Nos anos de 1968 e 1969 fui bolsista do CNPq, desenvolvendo trabalhos no DQ da USP, onde tive muito contato como professor Mário Tolentino.

A UNIVERSIDADE foi instalada em uma fazenda: a reitoria e administração, na sede, ou seja, na residência dos donos da fazenda. Os professores, na residência do administrador. As aulas teóricas, em áreas destinadas à criação de coelhos; o laboratório de Química, na estrebaria, entre os laboratorios de Física e de Biologia.

A criação as áreas de pesquisa aconteceram muito tempo depois, quando o quadro de professores já tinha aumentado muito e já estávamos instalados no prédio de dois andares que foi construído para abrigar os departamentos de Química, Física e Matemática, exceto o de Biologia.

Fui vice-coordenadora e coordenadora dos cursos de Licenciatura e de Bacharelado em Química durante vários períodos. Em um pequeno período fui vice-chefe, quando o Coordenador do curso assumia essa função.

O ensino no DQ evoluiu muito com a contratação de muitos professores, inicialmente engenheiros químicos vindos de Rio de Janeiro, seguidos por ex-alunos que ainda estão em atividade e de ex-alunos da UNESP, dentre eles o doutor Elson Longo, único ainda em grande atividade. Como foram criados muitos cursos, a contratação de pessoal também seguiu o aumento de alunos.

A Pesquisa no DQ inicialmente acompanhou o aperfeiçoamento dos professores e em épocas mais adiantadas, as contratações eram apenas de doutores nacionais e estrangeiros. A criação da Pós-graduação conferiu à Pesquisa o grande salto de qualidade que mantém até hoje.

O DQ muito contribuiu para o desenvolvimento da UFSCar tanto no Ensino, quanto na Pesquisa e na Administração.

A competência do corpo de professores do DQ é um dos pilares que sustentam a grande importância com que a UFSCar é reconhecida na região, no estado, no Brasil e certamente também no mundo.

Parabéns a todos vocês!

Depoimento do Prof. Elson Longo

-Quando iniciou suas atividades no DQ?

Iniciei minhas atividades no DQ em 1 de janeiro de 1971

-De onde você veio (de qual Universidade; Programa de Pós Graduação)?

Vim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara, atual Instituto de Química de Araraquara, UNESP.

- Qual era o tamanho (físico e de pessoal) do DQ e da UFSCar?

Estávamos na ala Sul, em que havia o prédio da secção pessoal atual (reitoria), o prédio da Engenharia de Materiais (hoje é o prédio depois da nova reitoria) e a sala dos professores (que foi Banco do Brasil e hoje pertence a Associação do Professores). Havia no grupo de Química os Profs. Adalberto Perdigão, Leopoldo Tadeu Caruso, Iran Pedro Carlos F. Bunge , Annik Bunge e Elson Longo. O Prof. Mario Tolentino e a Beth eram técnicos, junto com o Celso Frajacomo, no segundo semestre o Prof. Mario e Beth passaram ser professores e a Deolinda só foi promovida a técnica em 1973. A Deolinda era a servente do grupo.

- Como era dividido o DQ (por grupos de pesquisa)?

O grupo de pesquisa era de Química Teórica, dos Bunges

-Exerceu algum cargo de direção, Coordenação de curso, tutoria de PET?

Nenhum

- Como o Ensino foi modificado até hoje?

Na época escrevemos o grupo todo o projeto para o DQ valorizando para o primeiro ano a matemática e a física, que depois foi modificado ao longo dos anos.

-Como a Pesquisa foi modificada neste período?

Ao longo dos anos formou-se as quatro grande áreas: Físico-Química, Química Analítica, Química Orgânica e Química Inorgânica.

-Como o DQ contribuiu no desenvolvimento da UFSCar?

Desde o início o DQ era o Grupo e depois Departamento entre os mais produtivos da UFSCar, uma constante até os dias de hoje.

-Qual importância da UFSCar para a cidade e/ou região?

Junto com a USP criou um dos maiores polos universitários de São Paulo

-Na sua percepção há diferença no convívio dos docentes com os alunos (comparando quando entrou no DQ e agora)?

Hoje é um grande Departamento, não dá para comparar.

-Há alguma coisa que já houve no DQ, não há mais, mas seria bom ter (recuperar)

O DQ felizmente sempre foi muito harmônico. Não tenho sugestão.

-Passagens que julgue importante/interessante

A descrição da diferentes etapas da consolidação do espaço físico, das pesquisas e da interação com as empresas e comunidade.

Depoimento do Prof. Elton Fabiano Sitta

Iniciei minhas atividades no Departamento de Química em fevereiro de 2014, mas minha história na UFSCar começou muito antes disso. Fui aluno do cursinho pré-vestibular no ano de 2001, frequentando o AT-5 todos os dias da semana à noite e nos sábados até às 15h. Aproveitava as tardes para estudar no último andar da biblioteca e ainda jantava no saudoso e pouco saboroso RU. Depois deste ano de UFSCar, fui para USP (São Carlos, mesmo) fazer graduação (2002-2005), mestrado (2006-2007) e doutorado (2008-2012). Entre setembro de 2012 e setembro de 2013 realizei um pós-doutorado na Espanha e quando voltei ao Brasil, realizei um concurso na UFSCar sendo contratado no início de 2014. No meu primeiro semestre fui indicado para ministrar duas disciplinas (cinética e eletroquímica), em período noturno no AT-5, mesmo prédio onde começou a minha história na UFSCar.

Desde que fui contratado, o DQ recebeu outros 9 docentes para substituir vagas de professores aposentados e, neste período, também vi o desfecho dos prédios do projeto NanoBio, primeiramente a inauguração do prédio anexo ao LIEC e, no final de 2019, o prédio maior, próximo a Biologia, concretizando um projeto de expansão do departamento que durou muitos anos.

Nos meus 6 anos de casa, participei da organização da Escola de Verão, da Semana da Química, do Encontro de IC's e atualmente sou vice-coordenador do bacharelado e representante do departamento junto no Programa de Bolsas de Iniciação Científica. Ainda não consegui notar diferenças significativas no ensino e pesquisa, apesar de saber que o departamento tenha vivenciado isto ao longo de sua história.

Em relação à cidade, como sou natural de São Carlos, presenciei grandes mudanças na percepção da cidade em relação à universidade, principalmente nos últimos 20 anos. São Carlos tinha uma visão não muito boa do público universitário (antes mesmo do TUSCA ter se tornado um mega evento) e imaginavam que os estudantes eram pessoas que vinham destruir a cidade e depois voltar para suas cidades de origem. Inclusive, nas imobiliárias, algumas casas tinham a restrição de não serem alugadas para estudantes. Com a expansão dos cursos e vários trabalhos de extensão, esse panorama vem mudando e começaram a se criar empreendimentos visando o público estudantil, como os vários prédios na Vila Marina, Jóquei Clube e Cidade Jardim, os restaurantes próximos as universidades e os serviços de Delivery de comida.

No final de 2019, utilizei várias vezes o Uber e sempre escutava o comentário

que, durante o período das aulas, o faturamento era muito maior. Além disso, o hospital universitário e os programas da USE para atendimento da população foram fatores determinantes nesta mudança de visão. Todas essas coisas mostram a importância das universidades para a cidade. O “química na praça” também teve seu papel, pois revelou várias possibilidades de interação da população com a universidade.

Em relação ao convívio no departamento, eu tenho notado um distanciamento de toda a comunidade. Tirando obviamente o isolamento imposto pelo covid-19, eu tenho a impressão que as mesas da área da churrasqueira eram mais cheias de alunos, assim como a região próxima ao RU e ao centro acadêmico. Parece que a tecnologia que permitiu ao aluno estudar na sua casa, também o afastou um pouco do convívio diário dentro do departamento nas horas de lazer. Isto implica no afastamento da relação entre os alunos e docentes, pois acaba restringindo a convivência às aulas e não mais pelos corredores do departamento.

Depoimento do Prof. Ernesto Chaves Pereira de Souza

Cheguei como aluno de graduação na Federal (era assim que chamávamos a UFSCar) em 1983. Só que fazia o curso de Eng. de Produção Química. O curso de Bel. em Química comecei somente em 1984. Terminei o Bel. em 1987, o mestrado em outubro de 1990 e o doutorado em janeiro de 1994. Fui contratado em maio de 1994.

Em 1983, o prédio principal já existia. Entretanto, metade dele eram sala de aulas. Estas salas começavam onde é hoje o Lab de Prod. Naturais (andar de cima) e o lab de RMN (embaixo). A pesquisa limitava-se ao andar superior a partir da curvinha, no sentido da secretaria. No andar de baixo, existiam o Lab do Prof. Mozeto e do Fatibello nos mesmos lugares que são hoje.

A cada vestibular entravam aproximadamente 500 alunos no total e 50 na química. Então todo mundo conhecia todo mundo. O RU era o mesmo. O número de professores era aproximadamente o mesmo.

- Como era dividido o DQ (por grupos de pesquisa?)

Comecei a IC com o Prof. Bulhões no lab que hoje é do Prof. D'Alkaine-Prof. Ivani. Naquela época o lab era dividido pelos seguintes professores: D'Alkaine, Bulhões, Romeu, Sonia, Nerilson, Ivani e Rosa Bonfá. Este era o grupo de Eletroquímica. Ainda na físico química, havia o grupo de teoria: Elson, Fulvia, Senapeschi, Luis Carlos e Lee. E ainda o grupo de difração de elétrons: Ione e José Carlos.

-Exerceu algum cargo de direção, Coordenação de curso, tutoria de PET? Qual período

Alguns: Fui chefe do DQ (2 vezes) e coordenador da pós-graduação (2 vezes)

- Como o Ensino foi modificado até hoje?

Envergonho-me dizer que nada mudou. Na Lab. Físico-Química até os experimentos são os mesmos. Algumas tentativas de mudança sempre foram vistas com desconfiança. Eu mesmo fui processado pelos alunos por ter implementado mudanças no Lab. Físico Química "não autorizadas pela coordenação do curso".

-Como a Pesquisa foi modificada neste período?

Olha o paradoxo. Aqui mudou tudo. O Elson, como já disse acima, era teórico. Hoje é um de líderes brasileiros em Ciência dos Materiais. O Depto cresceu muito e muitos professores se destacaram em diferentes cenários. Sempre gosto de assinalar que uma mudança importante no DQ foi a contratação do Prof. Edénir. Com ele aprendemos a

Quimiometria o que mudou profundamente a forma como se faz ciência em muitos grupos do DQ.

-Como o DQ contribuiu no desenvolvimento da UFSCar?

O DQ é um dos líderes científicos do Brasil. Desta forma, seu nome é citado com respeito em muitas Universidades Brasileiras. Neste cenário, destacam-se ainda o termo "eletroquímicos de São Carlos". Aqui, é importante frisar que é junto com colegas do IQSC-USP. Mas o 3 fundadores da eletroquímica de São Carlos: Prof. D'Alkaine, Prof. Luiz Alberto Avaca (USP) e Prof. Ernesto Rafael Gonzalez (USP, este último falecido no dia de ontem 28/05/2020) formaram uma escola de pensamento em eletroquímica que tem reconhecimento nacional e uma quantidade enorme de alunos que se tornaram professores em todos os cantos do Brasil. Cabe ainda lembrar neste grupo o Prof. Bulhões que teve uma formação em eletroquímica de forma independente tendo sido aluno dos Professores Helena Chun (aposentada do Lab. de Los Alamos, EUA) e Tibor Rabockai. Os dois eram da USP São Paulo. Daí o termo "eletroquímicos de São Carlos" acabou designando cada aluno que saiu destes grupos de pesquisa.

-Qual importância da UFSCar para a cidade e/ou região?

A existência da UFSCar tem mais de uma consequência. Primeira é econômica. 90 % da verba UFSCar paga os salários de Prof. e TA. Este valor é igual ao orçamento do município. Além disso tem ainda a USP, as 2 EMBRAPAS, cada uma delas com um orçamento parecido com o município. A segunda é a formação de gente altamente qualificada. Não é só a graduação, mas também a pós-graduação (3000 alunos só na UFSCar). Depois tem as empresas que usam esta mão de obra. É um diferencial importante na hora de escolher a região de São Carlos a quantidade de mão de obra bem formada que existe por aqui.

-Na sua percepção há diferença no convívio dos docentes com os alunos (comparando quando entrou no DQ e agora)?

Para mim é igual. Bastante descontraído.

-Há alguma coisa que já houve no DQ, não há mais, mas seria bom ter (recuperar)

Acho que o DQ só cresceu e se tornou mais acolhedor ao longo dos anos.

-Passagens que julgue importante/interessante

A chegada do Prof. Tim (~1976). A chegada do Prof. D'Alkaine (~1978). A morte precoce do Prof. José Carlos aos 42 anos (1994). A morte precoce do Prof. José Tércio aos 46 anos (1996). A "volta" das contratações em ~2005 (o DQ tinha 50 prof em 1983, chegou a 37 na década de 90 e hoje tem 55). A chegada do Prof. Edenir.

Depoimento do Prof Fernando Cruz de Moraes

Sou egresso do curso de Bacharelado em Química da Universidade Federal de São Carlos, quando em 1997 iniciei minha graduação no DQ. Terminada minha graduação fiz Mestrado no Instituto de Química de São Carlos (IQSC-USP). Contudo em 2006 iniciei meu Doutorado no PPGQ da UFSCar sob a orientação da Profa. Dra. Lucia Helena Mascaró. Após uma etapa de 6 meses na Universidade de Coimbra, retornei para a defesa do Doutorado, que ocorreu em 2010. Fiz um Pós-doutorado de 3 anos no IQSC-USP, quando em 2013 retorno ao DQ para assumir o cargo de Professor substituto que eu acumulava com outro Pós-doutorado com o Prof. Dr. Ernesto Pereira. Em 2015 foi aberta uma vaga para Professor Adjunto, na área de Química Analítica, vaga que era do Prof. Dr. Milton D. Capelatto, fui aprovado e no mês de janeiro de 2016 eu tomei posse como Prof. Adjunto no DQ-UFSCar.

Nestes quase 19 anos entre idas e vindas houveram mudanças significativas na estrutura do DQ. Alguns prédios e expansões foram anexadas ao LIEC, construção e funcionamento do edifício Eduardo Neves, mudança da sala do antigo PET, hoje a atual sala do Prof. Edinho, mudança do CA (hoje laboratório do Prof. Edinho), para a parte externa do DQ e a eterna construção do prédio Nanobio, que finalmente foi inaugurada em 2019.

As maiores mudanças foram no quadro de pessoal, desde os TAs até os docentes. Dos professores que eu tive disciplina ou mesmo convivi neste período, são egressos: as professoras Rosa, Ursula, Ione, Margarida, Wania, os professores Lee, Massami, Adhemar, Bulhões, Mozeto, Capelatto, Dockal, Paulo Cezar, Sonia e mais alguns que devo estar esquecendo. Dos técnicos lembro-me muito da D. Deolinda (físico-química), Ricardinho (geral), Zé (analítica), Luizinho (analítica), Célia (inorgânica), Jovino (absorção atômica), Rita (secretária).

Muitos dos que hoje são docentes foram meus professores. A lista é grande, mas minha grade curricular da graduação era composta por: (Analítica) – Ivani, Fatibello, Joaquim; (Inorgânica) – Clélia, Alzir e Ieda, Júlio; (Orgânica) – João Batista, Fátima, Arlene, Quézia, Edinho, Giba; (físico-química) – Elson Longo, D'alkaine, Ernesto, Lúcia, Edson Leite, Gomide. Dos TAs, ainda na ativa estão a Doráí, Valdir, Klisler, Luciana (RMN), Paulo (RMN), Rorivaldo (LIEC), Ademir, Daniela (secretária do LIEC), e as secretárias Rose, Luciane, Cristina e Ariane.

-Como era dividido o DQ (por grupos de pesquisa?)

Desde meu ingresso no DQ em 1997, as estruturas dos grupos de pesquisas não mudaram muito. Os grupos foram incorporando novos professores e suas linhas de pesquisa sofreram um upgrade, mas não mudaram muito sua filosofia ou sua própria linha de pesquisa, dos quais podemos citar: LABBES (grupo de sensores que hoje eu divido com o Fatibello); GAIA (Joaquim e Edenir); Química Ambiental (Pedro e Roberta), LAPE (Nerilso, Romeu e Zé Mário); Laboratórios de eletroquímica dos professores D'alkaine e Ivani; LIEC (Elson, Edson, Ernesto, Lucia, Emerson, Elton e Ieda); Laboratório inorgânica (Alzir); PN (João, Fátima, Moacir e PC), Laboratório de PN (Edinho), Síntese orgânica (Arlene, Márcio e Ricardo); Ressonância (Giba e Thiago); Separare (Quézia e Regina), Laboratório de química teórica (André e Gomide). Contudo com o tempo, e novas contratações diversos grupos de pesquisa surgiram ou tornaram-se independentes, dos quais podemos citar: Laboratório de Biossensores (Ronaldo); Grupo de polímeros (Caio e Sandra); Área de Bioquímica (Dulce), Laboratórios de inorgânica (Filipe e Ivo), Laboratórios de inorgânica (Caterina), Quimiometria (Renato); Catálise (Jean), Teórica (Manuel); Teórica (Alejandro), Síntese orgânica (Marco e Kleber), Laboratório de PN (Felipe), dentre outros.

-Exerceu algum cargo de direção, Coordenação de curso, tutoria de PET? Qual período

Ainda não exerci.

-Como o Ensino foi modificado até hoje?

Profundamente, o ensino não foi modificado desde a minha entrada no DQ até hoje. Quase que igualitariamente, as 4 grandes áreas (Analítica, Orgânica, Inorgânica e Físico-Química) continuam sendo contempladas. Contudo foi observada que a grade destas áreas sofreu subdivisões em suas disciplinas, que foram necessárias, por causa da evolução tecnológica que continuamente apresentam novas técnicas e/ou novas metodologias. Contudo, ainda sou incisivo em dizer que de nada serve um super técnica se o profissional não tem alicerce da teoria básica. Considero que durante estes anos a grade suprimiu pontos importantes, principalmente Química Geral, tanto teórica como experimental. Antes esta disciplina era dividida em Geral 1 e 2, tanto Experimental 1 e 2. Estas 4 disciplinas eram ministradas durante 2 semestres e acredito que minha base de conhecimento foi muito aprofundada. Infelizmente, muito destes conteúdos foram suprimidos ou encaixados em outras disciplinas. O mais complicado é que hoje eu observo que os alunos têm muita dificuldade em fazer cálculos em química ou simplesmente entender os equilíbrios químicos.

-Como a Pesquisa foi modificada neste período?

Observo que as linhas de pesquisa foram se adaptando as questões que o mundo nos impõe. Novas tecnologias de análise, síntese, ou estudos mais aprofundados sobre determinados problemas foram e ainda continuam sendo fatores que permitem Pesquisa seja metamórfica.

-Como o DQ contribuiu no desenvolvimento da UFSCar?

Considero o DQ um dos principais propulsores da UFSCar. Além de ser alheio a questões políticas, isto é independente da direção política ou filosófica que a Reitoria possui, o DQ continua impulsionando e liderando com Excelência toda a parte de Pesquisa de ponta da UFSCar. Adicionalmente o DQ possui excelência no Ensino oferecendo disciplinas para quase todos os cursos da área Norte.

-Qual importância da UFSCar para a cidade e/ou região?

Polo de desenvolvimento científico para a cidade que é considerada a capital da tecnologia.

-Na sua percepção há diferença no convívio dos docentes com os alunos (comparando quando entrou no DQ e agora)?

As diferenças são enormes. Antigamente o convívio entre docentes e alunos era grande. Muitas festas na churrasqueira do DQ, chácaras perto da UFSCar ou repúblicas eram recheadas de alunos e professores. Muitas garrafas de cerveja eram compartilhadas, entre copos e risadas, assuntos científicos eram discutidos, iniciações científicas eram acertadas, bancas de mestrado ou doutorado eram montadas, muitos problemas pessoais, principalmente dos alunos eram discutidos e muitas vezes sanados com uma boa conversa. Hoje isso mudou, acho que as mudanças que a nossa sociedade teve nestes mais de 20 anos, interferiram negativamente nestas interações. Às vezes aparecem lampejos daqueles tempos, como o churrasco da EVQ de 2017. Festa que foi até alta madrugada, com muitos professores e alunos se divertindo.

-Há alguma coisa que já houve no DQ, não há mais, mas seria bom ter (recuperar)

Dois pontos importantes: o primeiro a falta de interação que eu apresentei no item anterior. O outro considero que as Químicas Gerais devem ser reformuladas. Novas disciplinas que contemplavam o conteúdo que fora ministrado a 20 anos atrás é muito importante para a construção da base de conhecimento dos nossos alunos. Claro que podemos modernizar as abordagens, mas cálculos e o entendimento dos equilíbrios servem para o curso todo.

-Passagens que julgue importante/interessante

Não julgo nenhuma grande passagem que poderia ser destacada. Mas o DQ se modificou e continua em construção sempre.

Depoimento do Prof. Fillipe Vieira Rocha

Iniciei minhas atividades no DQ em janeiro de 2016. Realizei a graduação (Bacharelado e Licenciatura em Química) em minha cidade natal, Juiz de Fora-MG. Posteriormente, me mudei para Araraquara, onde concluí minha formação em nível de pós-graduação (mestrado e doutorado) no Instituto de Química da UNESP.

Bem, por conta do pouco tempo em que estou lotado no departamento de química, poucas mudanças ocorreram em relação ao pessoal, sendo apenas três docentes e um técnico de laboratório contratados pelo DQ após minha inserção na Instituição. No entanto, vale ressaltar que o espaço físico aumentou substancialmente com a inauguração do prédio Nanobio. Este prédio proporcionará um aumento significativo das contribuições do DQ para a UFSCar, principalmente, no que tange a sua participação científica. Tenho a felicidade em relatar minha singela participação na entrega das chaves dos novos laboratórios para os docentes que ocuparão o novo prédio (fotos em anexo, créditos ao Prof. Júlio).

Atualmente, ocupo o cargo de Vice-Chefe de departamento (2019-2021), o que me trouxe um aprendizado muito grande de como a universidade, e principalmente, o departamento funciona. Convivemos em um sistema extremamente complexo, e que depende de cada um de nós da comunidade (docentes, discentes e técnicos) para um bom andamento das atividades. Agradeço a oportunidade e a confiança em poder exercer esta função tão importante.

Tanto o ensino quanto a pesquisa na UFSCar se destacam pela qualidade, e não é diferente no DQ, pelo pouco tempo de casa, ainda não presenciei mudanças nas grades de ensino, sendo o ensino mantido de forma similar desde a minha contratação. Quanto à pesquisa verifica-se ano a ano o aumento da importância do DQ em âmbito nacional, se destacando, sempre, como um dos melhores programas de pós-graduação do país. Isso nos enche de orgulho e é um combustível a mais para sempre ampliarmos os horizontes.

Como dito, o DQ contribui de forma singular no quadro científico da UFSCar, mas suas ações não se limitam a isso, o departamento é responsável por um grande número de projetos de extensão, criando tanto vínculos com empresas e indústrias, quanto contribuindo de forma direta para a sociedade são-carlense. O DQ foi ponto de partida de várias *startups* da cidade de São Carlos e região, auxiliando na geração de empregos e na melhoria da qualidade de vida de toda a população. Ressalto a

participação ativa do DQ e de toda a UFSCar em atividades relacionadas ao combate ao COVID-19, como por exemplo, o projeto “Ciência pela Vida-Projeto Álcool UFSCar”, coordenado pelo DQ e pela DeGR. O projeto visa à produção e doação de álcool 70% e álcool 70% glicerinado, para instituições de saúde, tais como: HU-UFSCar, Secretaria de Saúde, Secretaria de Cidadania e Assistência Social, Santa Casa de São Carlos, Abrigos de pessoas idosas.

Na minha percepção a convivência entre os docentes e alunos é extremamente salutar, pelo exíguo tempo não consigo fazer uma comparação entre os períodos da minha contratação e o atual. No entanto, pelos relatos dos colegas, entende-se que a relação entre os alunos e docentes sempre foi uma marca positiva do departamento.

Embora não tenha muito tempo de vivência no departamento (4 anos e cinco meses), me sinto completamente integrado ao DQ, muito devido ao acolhimento recebido desde minha chegada por parte de todos, colegas docentes, secretários administrativos, técnicos e claro os alunos. E talvez, seja pelo convívio entre as pessoas, o respeito pela individualidade e a qualidade no ensino, pesquisa e extensão, que todos que passam pelo DQ nutrem este carinho especial e se sentem tão bem quando lá estão.

Fotos: Entrega de chaves dos laboratórios/gabinetes do Prédio NanoBio em Dezembro de 2019. Créditos para Prof. Julio Zukerman Schpector



(A)



(B)



(C)

Depoimento da Profa. Ivani Aparecida Carlos

- Quando iniciou suas atividades no DQ?

Como docente, em 1978.

- De onde você veio (de qual Universidade; Programa de Pós Graduação)?

Licenciatura em Química - UFSCar.

Mestrado e doutorado - USP.

- Qual era o tamanho (físico e de pessoal) do DQ e da UFSCar?

DQ e UFSCar têm tamanho físico e de pessoal muito pequeno.

- Exerceu algum cargo de direção, coordenação de curso, tutoria de PET? Qual período?

Coordenação de curso Bacharelado pelo período de 11/05/2010 a 10/05/2012 e 2012-2014.

- Como o Ensino foi modificado até hoje?

A **grade** curricular foi muito modificada e acredito que para melhor.

- Como a Pesquisa foi modificada neste período?

Pesquisa básica e pesquisa ligada à indústria avançam de acordo com as demandas do meio socioeconômico do país e do mundo.

- Como o DQ contribuiu no desenvolvimento da UFSCar?

DQ sempre foi muito participativo junto aos órgãos da UFSCar, no sentido de cooperar com a melhoria nas áreas de pesquisa e ensino.

- Qual importância da UFSCar para a cidade e/ou região?

A UFSCar contribui com a cidade e região no campo socioeconômico, agora com o hospital Universitário e muito mais.

- Na sua percepção, há diferença no convívio dos docentes com os alunos (comparando quando entrou no DQ e agora)?

Acredito que o convívio dos docentes com os alunos é muito maior agora.

Depoimento do Prof. Jean Marcel Ribeiro Gallo

- Quando iniciou suas atividades no DQ?

Iniciei minhas atividades no DQ em julho de 2014.

- De onde você veio (de qual Universidade; Programa de Pós Graduação)?

Eu fiz graduação e mestrado no IQ-UNICAMP. Realizei o doutorado em um programa de cotutela entre o IQ-UNICAMP e a Università degli Studi del Piemonte Orientale, na Itália. Em seguida, fiz pós-doutorado na University of Wisconsin-Madison. Quando retornei ao Brasil, fui ainda pós-doutorando no DEQ-UFSCar.

- Qual importância da UFSCar para a cidade e/ou região?

São Carlos é uma típica cidade universitária e o público universitário afeta significativamente a economia local. Além disso, São Carlos se tornou uma cidade bastante aberta e moderna, com uma população jovem e ativa.

- Na sua percepção há diferença no convívio dos docentes com os alunos (comparando quando entrou no DQ e agora)?

Vim à UFSCar pela primeira vez em 2001 como participante da EVQ. Naquela época, já me chamou muito a atenção a proximidade entre alunos e professores, algo que eu não estava acostumado. Em 2003, na segunda escola de verão que participei, lembro que fui conhecer o laboratório da Profa. Arlene e da Profa. Clélia, que nos receberam muito bem. Na festa de confraternização da EVQ, sentei na mesa com o Prof. Alzir, com quem conversei por horas. Me marcou muito a atenção que eu, um aluno de graduação, recebi dos Profs. Arlene, Clélia e Alzir.

Acredito que a relação entre docentes continua muito próxima, com uma com boa relação profissional e um saudável convívio social. Acho muito importante que os docentes do DQ se preocupem em prestigiar eventos organizados pelos alunos, como reuniões da empresa júnior, eventos de arrecadação de fundos para a Semana da Química, entre outros.

- Passagens que julgue importante/interessante

Uma passagem muito bonita nesse período que estou no DQ foi a festa junina realizada para arrecadar fundos para ajudar a aluna Claudinha em seu tratamento de saúde (Claudia Rodrigues foi aluna do curso de Licenciatura em Química e fez mestrado e doutorado no PPGQ sob orientação do Prof. Alzir Batista. Devido à doença, Claudinha faleceu em 8 de agosto de 2015).

Fotos da formatura dos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Química, em janeiro de 2019, com os Profs. Dulce, Elton, Jean e Vânia, que foram homenageados pelas turmas formandas.



Depoimento do Prof. Joaquim A. Nóbrega

- Quando iniciou suas atividades no DQ?

Fui aluno de graduação do DQ/UFSCar na primeira metade da década de 80 (século 20!). Depois realizei mestrado no IQSC/USP e doutorado no IQ/Unicamp. Retornei ao DQ como professor em 1992, quando terminei o doutorado.

- Como era dividido o DQ (por grupos de pesquisa?)

O DQ já se dividia nas tradicionais áreas das ciências químicas: FQ, QA, QI e QO. Cada área, com seus respectivos grupos de pesquisa, que passaram por expressiva ampliação com a expansão do corpo docente.

-Exerceu algum cargo de direção, Coordenação de curso, tutoria de PET? Qual período?

Logo que cheguei ao DQ atuei como tutor do Grupo PET. Posteriormente, atuei como Vice-Coordenador do Curso de Licenciatura em Química, Coordenador e Vice-Coordenador do PPGQ. Convidado pelo Prof. Romeu Cardozo Rocha Filho, Pró-Reitor de Pós-Graduação e Pesquisa (2004-2008), fui Coordenador do PIBIC CNPq UFSCar. Considerando-se o elevado reconhecimento e visibilidade do DQ em múltiplos setores, tive a oportunidade de atuar como Editor do Journal of the Brazilian Chemical Society (Sociedade Brasileira de Química) e atuei em comitês de agências de fomento (CAPES, CNPq e FAPESP).

- Como o Ensino foi modificado até hoje?

Acredito que uma das marcas das atividades de ensino do DQ é a proximidade entre professores e graduandos. Essa proximidade ocorre nas aulas teóricas, experimentais e nas pesquisas de iniciação científica. Essa característica possibilita aos graduandos um amadurecimento mais rápido e ampla oportunidade de convivência com docentes e pós-graduandos. Além disso, possibilita importantes aprendizagens sobre aspectos relevantes em química, na formação para a vida profissional e sobre o trabalho em equipe. Outro aspecto que foi intensificado é a oportunidade oferecida aos alunos de intercâmbios acadêmicos com grupos brasileiros e internacionais. Ao longo dos anos o DQ ampliou interações e ótimas oportunidades de formação complementar são oferecidas aos estudantes. Finalmente, manifesto a impressão de que o ingresso na UFSCar pelo ENEM trouxe à universidade estudantes de diferentes regiões do país ampliando a pluralidade da Comunidade Universitária e atingindo uma melhor representação da sociedade.

- Como a Pesquisa foi modificada neste período?

O DQ sempre teve um forte direcionamento para atividades de pesquisa e inicialmente havia um predomínio das áreas de FQ e QO. Gradualmente, ocorreu um crescimento das áreas de QA e QI. Atualmente, graduandos e pós-graduandos têm ótimas oportunidades de pesquisas em todas as áreas e, ainda, a possibilidade de realização de pesquisas multidisciplinares que cada vez mais norteiam o progresso científico. Destaca-se a excelente infraestrutura laboratorial e instrumental disponível no DQ. Além disso, um ponto relevante foi a criação do Curso de Mestrado Profissional em 2008 com duas modalidades: Química Tecnológica e Ensino de Química, que ampliou interações com empresas e instituições de ensino.

- Como o DQ contribuiu no desenvolvimento da UFSCar?

O DQ é um dos importantes departamentos da UFSCar com atividades de pesquisas consolidadas e atividades de ensino na graduação e na pós-graduação reconhecidas pela excelência.

- Qual importância da UFSCar para a cidade e/ou região?

Vejo São Carlos como uma cidade de porte médio, porém com uma estrutura de serviços e ofertas culturais que transcendem a dimensão de sua população. Acredito que essa pujança cultural deriva de uma população universitária diversificada com demandas qualificadas que ampliam as ofertas disponíveis e oportunidades de formação. Certamente a UFSCar é parte fundamental desse ecossistema. Destacaria ainda as múltiplas atividades de extensão que oxigenam amplos setores da sociedade. Como exemplo atual pode-se ressaltar o trabalho do Comitê de Combate à COVID-19 da UFSCar, que orienta toda a sociedade sobre procedimentos e tem tido expressiva penetração nos meios de comunicação.

- Na sua percepção há diferença no convívio dos docentes com os alunos (comparando quando entrou no DQ e agora)?

Acredito que o divisor de águas é o advento da Internet e as múltiplas possibilidades de contato e atividades realizadas de forma virtual. Entendo que vivemos uma situação paradoxal na qual se convive menos fisicamente e mais virtualmente. Essa tendência foi intensificada pelo contexto atual gerada pela epidemia do coronavírus e suponho que teremos alterações que permanecerão. Somente a passagem do tempo evidenciará seus impactos sobre as relações pessoais. Pessoalmente sinto que essas mudanças vêm repercutindo há muito tempo no convívio acadêmico e modificaram profundamente a forma de fazer ciência. Temos toda a tecnologia para estarmos perto de quem estamos

fisicamente distantes. Porém, pode se tornar complexo estarmos distantes de quem estamos fisicamente próximos. Temos que buscar um equilíbrio e manter o profícuo convívio e relacionamento que sempre marcaram a Comunidade do DQ.

- Há alguma coisa que já houve no DQ, não há mais, mas seria bom ter (recuperar)

Seria interessante que aproveitássemos ainda mais os espaços coletivos que dispomos para uma maior interação entre toda a Comunidade do DQ. Um aspecto que entendo que sempre marcou o DQ e continua presente é o excelente convívio entre os muitos setores do departamento. Que sigamos assim!

- Passagens que julgue importante/interessante

Um aspecto que destacaria é o importante aporte de uma nova geração de professores altamente capacitados que rejuvenescem o corpo docente do DQ. Além disso, a chegada de cada nova turma de alunos também é um momento especial que nos faz recordar sonhos e revigora nossa busca por concretizá-los.

Depoimento do Prof. José Mario de Aquino

Iniciei minhas atividades como docente no DQ em maio de 2014. Como filho da casa e natural de São Carlos/SP, fiz o curso de bacharelado e licenciatura em Química com início em 2001. Desde a minha época como aluno o DQ já possuía a área construída que tem hoje com exceção do edifício Nanobio e as extensões do antigo LIEC. Ao longo desta jornada, vi vários professores se aposentarem como os professores Bulhões, Rosa Bonfá, Yone Iga, Dockal, Wania, Adhemar, Úrsula, Ronaldo Barbieri, Lee Mu Tao, Capelato, Mozeto e Sonia (espero não ter esquecido de ninguém). Também não posso esquecer dos técnicos que sempre ajudaram a fazer com que o DQ conseguisse se manter funcionando, entre eles o Ademir, Edilson, Deolinda, Zé Roberto, Dorai, Celi e outros. Com relação ao ensino, o DQ sempre teve professores e laboratórios de grande qualidade e que contribuíram para a formação não só de químicos, mas de engenheiros, físicos e biólogos. Hoje em dia os alunos podem ter acesso a equipamentos e técnicas mais sofisticados para a realização de práticas experimentais. Neste ponto, acredito que o departamento evoluiu bastante com a aquisição de grandes equipamentos e a expansão da infraestrutura (principalmente nos últimos anos) que se refletiram em um aumento da qualidade dos trabalhos publicados e, sem dúvida, no de alunos formados e que estão atuando no mercado de trabalho ou em universidades e institutos de pesquisa no Brasil e exterior. Conseqüentemente, o DQ sempre teve um papel muito importante alavancando a visibilidade da universidade na sociedade brasileira, além de seus docentes sempre contribuírem em cargos administrativos. Resumindo, os membros do DQ sempre foram engajados em questões da universidade. Acredito que uma prova disso são as edições anuais da Escola de Verão em Química (EVQ). Todo ano, este evento consegue atrair inúmeros alunos de graduação e de pós-graduação que podem ter contato com professores do DQ, de outras universidades brasileiras e do exterior.

Até o momento não exerci nenhum cargo de direção. Contudo, tive o prazer de ser o segundo professor tutor da Empresa Júnior (EJ) do DQ. Foi um momento muito especial pois consegui ajudar a estruturar a EJ, em termos estatutário, financeiro e organizacional. Neste período, de 2016 a 2018, a EJ foi federada e conseguiu inúmeros projetos com indústrias de São Carlos e de outras cidades do estado de São Paulo. Promovíamos seminários com profissionais de empresas para que os alunos pudessem

ter um maior contato com o setor industrial e empresarial, que ainda deixa a desejar no DQ.

Espero que a ótima interação entre alunos, professores e técnicos seja sempre mantida para que o DQ continue sempre a voar.

Depoimento do Prof. Kleber Thiago de Oliveira

Nasci em 22/04/1980 no município de Ribeirão Preto – SP e iniciei meu processo de alfabetização em 1987 numa escola do sistema SESI na cidade de Jardinópolis–SP (onde vivi desde o nascimento). Em 1994 conclui o ensino fundamental dando continuidade ao ensino médio no ano seguinte em uma escola católica na cidade de Ribeirão Preto–SP como bolsista (Instituto Santa Úrsula). Até o início do terceiro ano do ensino médio (1997) existiam muitas dúvidas sobre que “caminhos” seguir, entretanto, já havia desenvolvido um forte e especial declínio para as ciências exatas. Após conversar muito com meus professores da área de exatas, optei pela química, que era a disciplina que mais me fascinava (Obrigado Profa. Tânia! Saiba que você é responsável por eu estar aqui!).

Parti então para a aventura do vestibular e, devido às condições estruturais e familiares da época, a única opção era estudar em Ribeirão Preto (25 km da cidade onde morava – Jardinópolis). Prestei então meu primeiro vestibular (FUVEST) e fui aprovado em 10º lugar para o curso de Química na FFCLRP–USP ingressando no curso de química em 1998. No final do primeiro semestre um dos meus professores de “Química Geral e Experimental” me convidou para fazer IC em seu laboratório (Síntese Orgânica). Aceitei o convite do Prof. Mauricio Constantino com muito entusiasmo e vi naquela oportunidade o início de tudo o que havia sonhado, fazer ciência, levar às pessoas meu trabalho e meu fascínio pela Química.

Desta forma, iniciei minha iniciação científica com o Prof. Constantino no segundo semestre de 1998, para trabalhar com síntese de produtos naturais com atividades biológicas (achei e acho isso o máximo!) e no ano seguinte fui atendido com minha primeira bolsa de iniciação científica (PIBIC–CNPq), trabalhando assim por um ano. Na sequência, recebi bolsa da FAPESP, permanecendo com a mesma até o final de meu curso de bacharelado (dezembro de 2001).

Como havia realizado uma longa iniciação científica, na época o Prof. Constantino aconselhou-me a não fazer mestrado e sim doutorado direto. Aceitei o desafio e no início de 2002 ingressei na primeira turma de doutorado direto assistido pela bolsa (DD) da FAPESP, desenvolvendo a tese intitulada “Estudos Sintéticos e Teóricos sobre Anulenos e Baquenolidas”. Terminei o doutorado em agosto de 2006 e parti para minha primeira experiência (e viagem) para fora do Brasil no meu primeiro pós-doutorado (2006-2007) na Universidade de Aveiro (Portugal) com o Prof. J. A. S.

Cavaleiro. Ao retornar ao Brasil realizei ainda outro pós-doutorado na USP-RP (Profa. I. Yamamoto) sendo contratado na UFABC em janeiro de 2009 após aprovação em meu primeiro concurso. Em abril/2010 prestei novo concurso na UFSCar sendo contratado em junho/2010. Fui prontamente muito bem acolhido pelo meu amigo, parceiro e colaborador, o Prof. Timothy Brocksom. Ele, muito generosamente me recebeu na sala dele bem como no laboratório. Desde que cheguei pudemos realizar várias transformações e melhorias em nosso espaço de trabalho e me orgulho muito das conquistas que tivemos sempre de forma coletiva, cordial e colaborativa. Nossas pesquisas (na área de *design* e síntese de fotossensibilizadores) ganharam rumos ainda mais desafiadores em 2015 quando parti para um terceiro pós-doc na FSU-USA (Prof. T. McQuade) para aprender e realizar uma verdadeira imersão naquela que hoje é nossa linha de pesquisas mais consolidada, a Química em Regime de Fluxo Contínuo (Continuous Flow Chemistry), com fortes interfaces em fotocatalises e síntese orgânica em geral.

- Qual era o tamanho (físico e de pessoal) do DQ e da UFSCar?

Em 2010 o DQ tinha cerca de 2000 metros quadrados e não possuía os prédios do Nanobio. Aliás, da janela da minha sala (Fotos abaixo) era possível ver o sol nascer todo dia e, com a construção do prédio, aquela belíssima visão se perdeu. Mas por uma excelente causa, é claro. O corpo docente era formado por cerca de 45-50 professores.



-Exerceu algum cargo de direção, Coordenação de curso, tutoria de PET? Qual período?

Atuei como conselheiro do PPGQ (2 gestões), conselheiro do DQ (atual gestão de 2019), no conselho da pró-reitoria de pesquisa (2014-2015) e, desde 2017, na concepção e implementação da Central Analítica do DQ – UFSCar (www.central.dq.ufscar.br).

- Como o Ensino foi modificado até hoje?

Se considerarmos apenas o período que estou na UFSCar (desde 2010) é possível observar modificações profundas, mas, na minha opinião, dos alunos e de suas aspirações acadêmicas e/ou maneira como entendem a universidade. Ao nosso redor muitas coisas evoluíram em termos de uso de tecnologias modernas de ensino, no entanto, avalio que na UFSCar fomos muito pouco expostos e tivemos pouco acesso a estas tecnologias (em muitas salas de aula não temos sequer um bom retroprojetor que funcione), razão pela qual ainda utilizamos muito pouco. Eu diria que muitas aulas continuam sendo ministradas com as mesmas ferramentas de sempre. Fazendo uma avaliação crítica, a instituição precisa se atualizar e dar condições aos seus membros para se atualizar e nós, professores, temos muito a nos esforçar e se reinventar neste sentido. Os conceitos podem ser os mesmos, no entanto, o olhar de nosso público já não é mais o mesmo e mudanças são necessárias para a efetividade do ensino em minha opinião.

-Como a Pesquisa foi modificada neste período?

A pesquisa do DQ UFSCar tem evoluído ano após ano. A atmosfera de pesquisas de nosso DQ é, na minha opinião, única e reúne capacidades imensas, mentes privilegiadas e cooperativismos saudáveis. Isso tem trazido ao nosso programa de pós graduação vários frutos positivos sendo que vários de nossos alunos egressos encontram-se hoje em posições cientificamente notáveis no Brasil e no mundo (instituições públicas e privadas).

-Como o DQ contribuiu no desenvolvimento da UFSCar?

O DQ representa parcela relevante da ciência produzida pela UFSCar. Nosso corpo docente e infraestrutura de equipamentos são da mais alta referência. Produzimos ciência básica e aplicada de qualidade, além de serviços essenciais à sociedade. Nossos alunos são muito bem formados.

-Qual importância da UFSCar para a cidade e/ou região?

A UFSCar é na minha visão um centro de referência em ciências exatas de nossa região e o DQ é peça importante deste cenário. Evidentemente que temos muitas outras atividades de destaque em nossa instituição, mas os cursos de ciências exatas têm trazido contribuições notáveis até pelas suas naturezas atreladas à ciência e tecnologia.

-Na sua percepção há diferença no convívio dos docentes com os alunos (comparando quando entrou no DQ e agora)?

Eu tenho uma percepção de que hoje é muito menor e diminui cada vez mais. Mas não acho que este seja um problema interno, mas sim de nossa sociedade e de suas novas facetas. Há alguns anos era possível ter bom humor e não ser politicamente incorreto...era possível ter tranquilidade nas relações interpessoais. Hoje, tudo parece ser crime, tudo parece juridicamente passível de punição, tudo é certo e errado a depender da interpretação que convém. Confesso! Me sinto o tempo todo com a “faca nos dentes” sem fazer nada para merecer isso. Nossa sociedade busca ver erro até na mais pura atitude. Mundo chato. Não me sinto nem à vontade de contar minhas famosas piadas “nerd” de química durante as aulas para quebrar o peso de determinados conteúdos.

-Há alguma coisa que já houve no DQ, não há mais, mas seria bom ter (recuperar)

Olha não posso deixar de confessar que tenho muitas saudades do tempo que podíamos celebrar momentos muito saudáveis na churrasqueira do DQ. As defesas, os churrascos, a música. Isso me fazia muito bem e faz falta. Hoje, o único lugar que parece ser mesmo possível celebrar algo é dentro de nossas casas (ainda assim com cautela). Enfim, sinto que as restrições de uso das áreas de convivência nos distanciaram muito. Tempo bom aquele...alias único dentre as instituições pelas quais passei.

-Passagens que julgue importante/interessante

Eu acho que sou novo demais na casa para elencar passagens importantes (somente 10 anos...nossa tudo isso já?). Brincadeiras à parte, poderia aqui elencar várias passagens importantes para mim (ahh a reforma elétrica do meu laboratório...e das capelas então! que alegria naqueles dias!). No entanto, vou me ater àquelas coletivas. Penso que a construção e inauguração do prédio Nanobio foi a maior delas, além das conquistas de importantes projetos institucionais e de grandes projetos que elevaram a pesquisa de nosso DQ. Acho ainda que todas as homenagens que fizemos aos nossos professores seniores foram muito importantes. Conviver com estes “Whiteheads” foi e tem sido um privilégio. Ademais, fiz grandes amigos no DQ-UFSCar, afinal, passamos mais tempo aqui do que com nossas famílias.

Depoimento da Profa. Lucia Helena Mascaro Sales

-Quando iniciou suas atividades no DQ?

março de 2003

-De onde você veio (de qual Universidade; Programa de Pós Graduação)?

A minha formação acadêmica foi toda no DQ-UFSCar, mas de 1998 a 2003 fui professora na UFPR- Curitiba.

- Qual era o tamanho (físico e de pessoal) do DQ e da UFSCar?

Em 2003 já tinha o prédio do DQ, no LIEC, só não havia o laboratório de nanotecnologia. Em relação à contratação de pessoal, o DQ cresceu bastante com o REUNE, com a contratação de vários docentes houve uma renovação no quadro com a aposentadoria de alguns colegas.

-Exerceu algum cargo de direção, Coordenação de curso, tutoria de PET? Qual período

Tutora do PET- 2005 a 2008, vice-coordenação de Licenciatura – de 2006 a 2008, coordenadora da licenciatura 2008-2012, coordenadora do PPGQ- 2016 a 2019.

- Como o Ensino foi modificado até hoje?

Houve mudanças na grade curricular do Bacharelado e da Licenciatura com inserção de novas disciplinas e reestruturação de outras.

-Como a Pesquisa foi modificada neste período?

Na Pesquisa houve crescimento no número de publicações, muita contratação de jovens doutores com criação de novas áreas de pesquisa e também com aprovação de grandes projetos do tipo centros de excelência da FAPESP e INCTs.

-Como o DQ contribuiu no desenvolvimento da UFSCar?

Acho que de maneira muito significativa, pois os docentes sempre ocuparam cargos de direção na Instituição como reitoria, pró-reitorias, além de participação efetiva nos projetos institucionais tipo FINEP e PADCT. A parte de pesquisa sempre teve grande repercussão na mídia devido à contribuição das pesquisas realizadas por nossos docentes. Na divulgação dos cursos da UFSCar, o DQ também tem uma ação efetiva com participação no Ciro, o grupo de teatro Ouroboros, além da Universidade Aberta. Então, ao meu ver, o DQ é responsável em elevar a UFSCar no *ranking* de qualidade.

-Qual importância da UFSCar para a cidade e/ou região?

Traz oportunidades de formação de recursos humanos, atende a população na área de saúde e educação, gera trabalho com giro de economia significativa com ação dos

estudantes na cidade e ainda faz com que a cidade seja reconhecida nacional e internacionalmente pela qualidade de seus trabalhos.

-Na sua percepção há diferença no convívio dos docentes com os alunos (comparando quando entrou no DQ e agora)?

Para mim não houve alteração, o convívio existe e é bastante próximo para a maioria dos professores e alunos.

-Passagens que julgue importante/interessante

Homenagens aos professores que aposentaram, apresentação do curso aos estudantes na Universidade Aberta e na Calourada

Depoimento do Prof. Luiz Henrique Ferreira

-Quando iniciou suas atividades no DQ?

Assumi minhas atividades no DQ em fevereiro de 2002.

-De onde você veio (de qual Universidade; Programa de Pós Graduação)?

Vim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP/USP), onde atuava na área de Ensino de Química. Na Filô (como a chamávamos) fui contratado para iniciar a área de Ensino de Química (criar o Curso de Licenciatura em Química, fortalecer as atividades de extensão, etc.) e não era possível orientar na pós-graduação, devido ao formato do programa. Enquanto estive na Filô conseguimos criar o Curso de Licenciatura em Química (apesar da contenção de despesas na USP, devido à crise econômica), fortalecer o CEIQ (Centro de Ensino Integrado de Química) e orientar estudantes de Iniciação Científica.

Foi nesta ocasião que tivemos a iniciativa de criar o G6 (Grupo formado pelos cursos de Química das universidades públicas paulistas), ocasião em que conheci a Profa Rosa Bonfá, do DQ/UFSCar. O G6 teve uma importância muito grande na definição das Diretrizes Curriculares dos Cursos de Química, texto aprovado praticamente na íntegra pelo Ministério da Educação e que ainda está em vigor.

Também nesta ocasião o DQ/UFSCar tinha um Curso de Licenciatura recém criado e não tinha professor da área de Ensino de Química. Como tinha que viajar todos os dias para Ribeirão Preto, pois morava em São Carlos, fiquei esperando pela abertura de concurso na UFSCar, o que ocorreu somente no final de 2001.

-Qual era o tamanho (físico e de pessoal) do DQ e da UFSCar?

Não tenho certeza, mas creio que o DQ tinha pouco mais de quarenta professores, poucos técnicos administrativos e de laboratório. Quanto às instalações, tínhamos muitos problemas de espaço físico e de manutenção predial (principalmente infiltrações e problemas na rede elétrica). Internet era um problema sério em toda a universidade. Devido à crise econômica, faltava de tudo: material de escritório, vidrarias e reagentes, etc., mas esta era uma situação comum a todas as universidades públicas. Tive que assumir, já no início de 2001, diversas disciplinas da antiga Licenciatura em Química (diurno) e da nova Licenciatura (noturno), enquanto trabalhava na criação de meu grupo de pesquisa. Solicitei ao DQ o espaço físico do andar térreo do Edifício Eduardo Neves, pois o prédio tinha apenas o primeiro andar construído e ocupado. Como meu pedido foi aprovado, comecei a trabalhar em um projeto de construção das

instalações que iria abrigar meu grupo de pesquisa. Mesmo antes de finalizadas as obras, já orientava na Iniciação Científica e na pós-graduação, no grupo de acabara de criar (LENAQ – Laboratório de Ensino e Aprendizagem de Química).

-Como era dividido o DQ (por grupos de pesquisa?)?

Creio que a divisão era parecida com a atual, porém com menos pesquisadores.

-Exerceu algum cargo de direção, Coordenação de curso, tutoria de PET? Qual período?

Sim. Em 2002, ano em que entrei para o DQ, assumi a Coordenação do Curso de Licenciatura (noturno) juntamente com a vice coordenação do Curso de Bacharelado. Foi um período difícil pois tínhamos que reformular ambos os cursos para que atendessem às novas Diretrizes Curriculares, já que esta era uma exigência do MEC. Ainda como coordenador, participei da redação do PDI (Plano de Desenvolvimento Institucional), no qual conseguimos incluir um projeto de expansão do DQ, com solicitação de construção de novos espaços e de contratação de mais professores e técnicos. Felizmente nosso pedido foi integralmente contemplado, de acordo com o cronograma aprovado pelo conselho Universitário.

-Como o Ensino foi modificado até hoje?

Não creio que tenha ocorrido mudança na relação professor aluno, mas os currículos foram bastante modificados, incluindo os de outros cursos para os quais o DQ oferece disciplina.

-Como a Pesquisa foi modificada neste período?

Em minha área sinto que a principal diferença está no número de pesquisadores e grupos de pesquisa brasileiros. Crescemos muito nos últimos vinte anos, principalmente porque a CAPES reconheceu a importância e necessidade de nossas pesquisas para a melhoria do ensino praticado na Educação Básica.

-Como o DQ contribuiu no desenvolvimento da UFSCar?

O DQ já era muito conhecido e respeitado na época de minha contratação. É muito importante para o desenvolvimento da universidade ter unidades reconhecidas pela qualidade do ensino e pesquisa que praticam.

-Qual importância da UFSCar para a cidade e/ou região?

R.: Ter uma universidade pública é o desejo de qualquer município, pois o desenvolvimento do mesmo é bastante favorecido com a presença da universidade. Além dos recursos financeiros, na forma de salários, compras (muitas no mesmo município) e de gastos realizados pelos estudantes, a presença da universidade atrai

investimentos também da iniciativa privada. São Carlos é hoje reconhecida como importante polo de tecnologia e tem no parque industrial diversas empresas que aqui se instalaram para utilizar conhecimento produzido nas universidades. Fenômeno semelhante ocorre em outros países (Estados Unidos, Coréia, Alemanha, etc.). É perceptível, por exemplo, a recente instalação de indústrias de instrumentos cirúrgicos após a criação do Curso de medicina. Da mesma forma, diversas outras empresas se instalaram em São Carlos e região atraídas pela universidade.

-Na sua percepção há diferença no convívio dos docentes com os alunos (comparando quando entrou no DQ e agora)?

Acho que havia maior proximidade entre professores e alunos quando entrei para o departamento. No entanto, sua comunidade era menor (menos professores e alunos), assim como a da universidade como um todo. Crescemos muito nos últimos quinze anos e este crescimento se deve ao REUNE (Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais, 2003-2012). Mas mesmo assim, vejo que alguns colegas ainda valorizam a boa convivência com os alunos e isto é muito importante para o desenvolvimento e formação dos mesmos.

-Passagens que julgue importante/interessante?

Por ocasião da criação do G6 (mencionado anteriormente), tivemos um período de maior interação com outras comunidades formadas pelas universidades públicas paulistas. Não apenas cursos de férias eram oferecidos aos alunos, mas também havia muita troca de ideias e experiências entre professores e alunos das diversas instituições. Creio que o g6 perdeu de alguma forma a “força” que tinha inicialmente e torço para que as atividades sejam retomadas com o mesmo envolvimento de todos.

Também gostaria que atividades fossem planejadas e desenvolvidas para estudantes da educação básica. No LENAQ criamos em 2003 uma atividade muito interessante denominada “Semana como Químico”, destinada a trazer para a universidade estudantes do segundo ciclo do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. Nestas diversas semanas que realizamos oferecíamos cursos, palestras e visitas aos laboratórios do DQ. Muitos dos participantes se tornaram alunos nossos após participarem de algum destes eventos.

Foto de uma das atividades desenvolvidas no meu grupo.



Depoimento da Profa. Maria Fátima das Graças Fernandes da Silva

Eu fiz o Curso de Licenciatura em Química, concluído em 1973, pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto, SP; com habilitação para todas as cadeiras do curso de química; data do diploma 17 de dezembro de 1973.

Eu fiz o meu doutorado na área de Químiossistemática. Eu entrei no grupo do Prof. Otto R. Gottlieb em 1974. Nessa época ele estava iniciando esta área de pesquisa no Brasil. Eu obtive o título de Doutor em Ciências, na área de concentração Química Orgânica, após a defesa de tese: Métodos Químiossistemáticos, Aplicação a Famílias Vegetais Caracterizadas por Cumarinas”, no Instituto de Química da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, em 20 de Março de 1978.

Em março de 1987 fui para Glasgow com toda a minha família (esposo e quatro filhos, por um ano e seis meses) fazer o meu pós-doutorado. Trabalhei com Prof. Peter G. Waterman, na Universidade de Strathclyde em Glasgow, Escócia, em “Químiossistemática de Burseraceae”.

Em 1976 A UFSCar iniciou um processo de expansão e ao Departamento de Química coube um número grande de vagas. Foram contratados quatro docentes recém-formados na própria casa e mais cinco sendo um doutor, alguns mestres, mas em fase final de doutorado. Entre estes eu fui uma delas. Eu não tinha o título de mestre, mas como fui direto para o doutorado, fui considerada mestre, tendo sido contratada em dezembro de 1976 como Professora Assistente.

Ao chegar ao DQ/UFSCar na área sul, passei a dividir a sala com uma professora de nome Maria Fátima F. L. Manzano, com isto, para nos diferenciar passaram a me chamar de “Fatiminha”. Apenas após o meu doutorado, quando o Departamento conseguiu a construção de um novo prédio na área norte da universidade, foi que eu consegui uma sala apenas para mim.

Em 1978 com a minha defesa de tese de doutorado, tornei-me Professora Adjunto.

O início da minha vida de docente foi tranquilo, a experiência didática adquirida com o curso de Professor Primário e dando aulas no secundário me ajudaram muito. A minha primeira disciplina foi “Análise Química Orgânica Funcional”. Este curso era aos sábados e constava de uma a duas horas de aula teórica e o restante experimental. O aluno recebia uma amostra e a analisava durante um semestre, tendo que identificá-la no final. Foi uma das disciplinas mais agradáveis que eu ministrei, os

alunos se empolgavam a cada aula, à medida que eles iam identificando o grupo funcional que havia em sua amostra. Com o avanço da espectroscopia, esta disciplina logo deixou de existir.

Nesta época, sempre ministrávamos duas disciplinas em um semestre e uma no seguinte. Este período foi muito bom, pois no semestre em que ministrávamos apenas uma disciplina, rendíamos muito mais em pesquisa. Com a expansão da universidade e a diminuição do número de alunos por turma, e conseqüentemente o aumento das mesmas, passamos a ministrar duas disciplinas a cada semestre. A diminuição do número de aluno por turma foi algo que eu gostei muito, eu sempre iniciava uma disciplina dizendo aos alunos que um bom motivo para eles fazerem greve não era por refeição mais barata, mas por melhor qualidade de ensino, por exemplo, não aceitando turmas com um número grande de alunos. Eu também dizia a eles: Eu gosto de olhar no rosto de cada um para ver pela feição se estão entendendo ou não, logo como fazer isto com 75 alunos em sala? Eles levavam estas discussões para o centro acadêmico, mas nunca fizeram greve, pois isto favorecia os repetentes que não tinham prioridade de vaga.

Logo no início nós fazíamos um rodízio para ministrar Química Geral. Eu não me importava em ministrar esta disciplina, com isto algumas vezes eu passava um bom período dando apenas uma disciplina de QO, ou mesmo nenhuma, pois eu também ministrava QG Experimental. Fui sempre muito querida pelos alunos, os quais algumas vezes fizeram abaixo assinados para que eu ministrasse QO I ou QO II.

Com o início da Pós-graduação, começamos a oferecer cursos optativos, visando atrair o aluno para o programa. Assim, passei a ministrar em semestres alternados, Química de Produtos Naturais e em anos mais a frente, Ecologia Química.

O reconhecimento de toda a minha dedicação ao ensino da graduação, ocorreu em 1997, quando fui convidada a ser a Parainfa dos formandos da turma de Química.

- Como era dividido o DQ (por grupos de pesquisa?)

O DQ era dividido por áreas, como é hoje. Porém, este cresceu muito após a minha chegada.

-Exerceu algum cargo de direção, Coordenação de curso, tutoria de PET? Qual período

Uma atividade a qual eu considero mais significativa e especialmente gratificante, foi fazer parte da “Comissão de Implantação da Pós-Graduação no DQ-UFSCar.

Esta comissão foi nomeada pelo Reitor da UFSCar em 1 de março de 1979, sendo os seus membros, Pro. Dr. Adalberto Perdigão Pacheco de Toledo, Prof. Dr. Ricardo de Carvalho Ferreira, Prof. Dra. Maria Fátima das Graças Fernandes da Silva, Prof. Dr. Cerino Ewerton de Avellar, Prof. Dr. Christovan Mendonça Filho e Prof. Dr. José Roberto Gonçalves da Silva, sob a presidência do primeiro. Inicialmente fizemos um levantamento de vários regimentos internos de programas já existentes, como na USP de São Paulo, São Carlos e Ribeirão Preto. Estudamos durante alguns meses estes regimentos, tentando adaptá-los às necessidades da UFSCar. Ainda me lembro do quanto isto era difícil, pois não tínhamos os atuais computadores, escrevíamos a mão, a secretária datilografava, e reuníamos com os Grupos de Química Orgânica e Física Química para discussões. A cada modificação no documento, este tinha que ser re-datilografado como um todo, devido às variações no conteúdo de cada página. A cada vez que este era re-datilografado havia erros, assim fazíamos colagens para evitá-los.

Eu fui coordenadora do Programa de Pós-Graduação em dois mandatos, nos anos de Agosto de 2005 a Julho de 2009. Nesse período fui a uma reunião de coordenadores de pós-graduação com o presidente da CAPES e nessa época esse órgão estava estimulando a criação do Mestrado Profissional. Eu trouxe a ideia para o nosso PPGQ que aprovou a ideia, a qual nós levamos para a pró-reitoria de pós-graduação cujo pró-reitor era o Prof. Romeu Cardoso Filho. Essa pró-reitoria aprovou a ideia, a qual durante um bom período foi discutida e aprovada. Assim, iniciamos novamente a preparar os regimentos para esse programa. Consultamos programas já existentes, e o curso de mestrado profissional foi iniciado em 2008 com duas modalidades: Ensino de Química e Química Tecnológica. Esse curso busca ainda hoje atrair profissionais atuando em instituições de ensino e empresa, respectivamente, e proporcionando um aprofundamento de formação em química que beneficiará a atuação profissional.

- Como o Ensino foi modificado até hoje?

Tivemos modificações sim, sempre nos reuníamos para discussões sobre a melhora do ensino na graduação. Um exemplo em minha área, foi criar a química-orgânica 3. Sentimos ser necessário o químico ter uma formação mais ampla em química orgânica.

-Como a Pesquisa foi modificada neste período?

A pesquisa foi sempre crescente e inovadora. Fomos sempre muito ativos, indo buscar financiamentos para a Pesquisa. Tivemos vários auxílios CNPq e FAPESP. Também tivemos um com a CAPES muito interessante, o qual visava dar apoio a programas de

pós-graduação em desenvolvimento. Programa Nacional de Cooperação Acadêmica – PROCAD. Este envolvia a cooperação entre equipes sendo uma denominada líder e as demais denominadas associadas. A equipe líder devia ser vinculada a programa de doutorado de uma única IES com nota igual ou superior a 5. As equipes associadas deveriam ser constituídas por pesquisadores e estudantes de um núcleo para criação de programa de pós-graduação stricto sensu, de programa de mestrado com nota 5 e/ou programa com nota igual ou inferior a 4. Coordenei por vários anos PROCADs com a Universidade Federal do Pará (DQ), desde 2001 a 2013, sempre com renovações. Estes levaram a um grande apoio ao programa de pós-graduação da UFPA. Vários alunos de lá obtiveram o doutorado no PPGQ-UFSCar com bolsa desse programa, e a maioria hoje é professor na UFPA.

Considero a nossa grande contribuição para o avanço da ciência no DQ-UFSCar, a aprovação do CNPq do nosso INCT.

O Programa Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia (INCT), lançado em julho de 2008 pelo Ministério da Ciência e Tecnologia - CNPq, com a colaboração da FAPESP, recrutaram cientistas para trabalharem em redes de pesquisas em áreas estratégicas para o desenvolvimento sustentável do país. Assim, nós da área de Produtos Naturais agregamos os melhores grupos de pesquisa da área de ecologia química, de cinco estados e sete instituições para trabalharem em rede a fim de transformar o Brasil em um país modelo para o controle de insetos com baixo impacto ao meio ambiente, e criamos o Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para o Controle Biorracional de Insetos Pragas (INCT-CBIP).

A sede do INCT-CBIP está localizada no DQ-UFSCar. O INCT-CBIP foi fundado em dezembro de 2008 e este está envolvido em Ensino, Pesquisa, Inovação e Extensão, orientada para a formação de pesquisadores qualificados e para a geração de conhecimento e de produtos agroquímicos.

Os resultados em pesquisa, desenvolvimento e inovação mostram as competências estabelecidas pela equipe do INCT-CBIP, indicando que ele tinha o potencial para alcançar novos grandes avanços dentro do tema proposto. Assim, o novo INCT foi expandido a uma rede internacional, e continua com financiamentos ativos do CNPq, FAPESP e CAPES. Essa última com financiamento de bolsas de doutorado e pós-doutorado. Hoje o INCT foi ampliado para Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para o Controle Biorracional de Insetos Pragas e Fitopatógenos.

-Como o DQ contribuiu no desenvolvimento da UFSCar?

Considero que os comentários acima mostram como o meu grupo contribuiu para o desenvolvimento da UFSCar.

-Qual importância da UFSCar para a cidade e/ou região?

A cidade de São Carlos é considerada de elevado nível cultural graças às contribuições da UFSCar, USP e outras instituições privadas.

-Na sua percepção há diferença no convívio dos docentes com os alunos (comparando quando entrou no DQ e agora)?

Quando cheguei à UFSCar as interações aluno-professor eram mais intensas devido ao fato de ser um departamento ainda pequeno. Mas considero que essas interações continuam estreitas, pois o DQ cresceu, mas também cresceu o número de professores.

-Há alguma coisa que já houve no DQ, não há mais, mas seria bom ter (recuperar)

Considero a Escola de Verão uma atividade muito importante para o crescimento da graduação, talvez o retorno desta em duas semanas, sendo uma só com cursos específicos para ampliar os conhecimentos além da graduação.

Depoimento do Prof. Orlando Fatibello Filho

-Quando iniciou suas atividades no DQ?

Os Professores Sônia Regina Biaggio Rocha, Romeu C. Rocha Filho, Nerilso Bocchi e eu fomos contratados no DQ em 15 de dezembro de 1976, antes mesmo de colarmos grau em Janeiro de 1977. Naquela oportunidade os concursos se restringiam em análise do curriculum vitae de cada um dos candidatos e entrevista, sendo que uma comunicação em congresso fazia muita diferença. Como se sabe, hoje nos concursos participam muitos candidatos com o título de doutorado e o processo de seleção envolve várias etapas.

Eu, assim como os demais colegas nos graduamos em licenciatura em química na UFSCar em 1976 e, Sônia em 1975. Eu defendi a minha dissertação de mestrado em Físico-Química Orgânica em março de 1980 pelo IFQSC-USP de São Carlos hoje IQSC, sob a orientação do Prof. Dr. Miguel Guillermo Neumann. O meu trabalho de mestrado foi feito no subsolo prédio do antigo prédio da Fundação da Società Dante Alighieri fundada em 1902, na Rua 9 de Julho, prédio atual do Centro de Divulgação Científica e Cultural – CDCC.

Em julho de 1980 iniciei o meu doutorado no IQ-USP em São Paulo, sob a orientação do saudoso Prof. Dr. Eduardo F. Almeida Neves em Química Analítica.

Antes de falarmos dos prédios atuais do DQ, na parte norte do campus e, da distribuição dos espaços físicos entre os docentes, vou descrever brevemente como foi o início das atividades na UFSCar, antes da mudança para o prédio do DQ que conhecemos. Até meados de 1979, todas as atividades de ensino e pesquisa se davam da parte Sul do Campus. Assim, a maioria dos docentes dos cursos oferecidos pela Universidade ficavam no prédio central, juntamente com a DICA, laboratório de recursos audiovisuais, secretarias, biblioteca entre outros. Para se ter uma ideia, assim que fomos contratados, eu dividi uma sala de professores com o Nerilso, Romeu e o Prof. Newton de Lima Neto, que foi contratado no mesmo dia que nós e veio para auxiliar os Profs. George Kury Kachan e Gilberto Della Nina na criação do Departamento de Engenharia Química.

Os 2 laboratórios de ensino da química e 02 laboratórios de pesquisa foram adaptados do antigo estábulo (Biologia) da Fazenda Canchim. Assim as aulas nas 04 áreas, a saber: FQ, QA, QI e QO, eram oferecidas em dois laboratórios com rodízio das caixas de

experimentos das áreas que eram conduzido com grande habilidade e competência pela Alzira, João e a Deolinda. O Roque, Sílvio e Celso cuidavam da oficina mecânica, administração, administração/almojarifado, respectivamente.

O Prof. Dr. Adalberto Perdigão Pacheco de Toledo era o coordenador do Laboratório de Substâncias Húmicas e os Profs. Mario Tolentino e A. A. Mozeto (talvez tivesse mais pessoas-ver com Mozeto) eram os responsáveis pelo outro laboratório de pesquisa. Eu tive 03 anos de bolsa IC sob a orientação dos Profs. Mario Tolentino e A. A. Mozeto. Naquela oportunidade apenas o Adalberto Perdigão possuía mestrado e o Prof. Tolentino Doutorado Honoris causa por uma Universidade dos Estados Unidos. Nossa pós-graduação iniciou-se em nível de mestrado em 1980 em FQ e QO.

Em 1979 (confirmar data) nos mudamos para o prédio do DQ. Havia poucos laboratórios de pesquisa. No andar térreo havia apenas o Laboratório de Sustâncias Húmicas do Perdigão e os laboratórios de ensino. No atual laboratório de QA (LABBES) funcionava a vidraria do departamento sob a coordenação do Gentil e no andar superior havia o laboratório de Eletroquímica (Adhemar Rúvulo, Rosa Bonfá, Ivani Carlos, Capelato e depois Carlos D`Alkaine), Laboratório de Sínteses Orgânicas sob a coordenação do Tim e Tércio, Produtos Naturais (JB, Fátima e Paulo Cezar) e de espalhamento de elétrons coordenados pelo Lee, Ione e José Carlos. Nesta época o Prof. Ricardo Ferreira foi contratado e orientava o Luiz Carlos (ver com ele detalhes sobre o laboratório de Química Teórica).

Eu e Capelato viajavamos para São Paulo para cursar as disciplinas do curso de doutorado entre os anos de 1981 a 1982, mas não continuávamos dando aulas nas disciplinas de graduação.

Em 1981, a vidraria se mudou e aquele espaço eu fui montando o primeiro laboratório de QA. Entre os anos de 1982 a 1984 eu desenvolvi o meu trabalho de tese e empreguei balança analítica, buretas e um espectrofotômetro UV-Vis Beckman a válvula que deveria ficar ligado uns 20 min para estabilizar. Empreguei também um polarógrafo da Radelkis da década de 60. Outrossim, com a ajuda dos amigos e colegas do IQSC-USP, Profs. Drs. Gilberto Chierice, Vagner Polito, Luiz Henrique Mazo e Douglas Franco e usa o espectrômetro de absorção atômica. Após esta longa batalha, de viagens, cumprimento de créditos e aulas na UFSCar e o emprego de condições restritas de reagentes, vidrarias e instrumentação, defendi o meu doutorado em outubro de 1985. Cumpri o meu pós-doutorado no período de fevereiro de 1987 a julho de 1989 no DQ

da Universidade de New Orleans sob a supervisão do Prof. G. G. Guibault no desenvolvimento de biossensores. No meu retorno, nomeamos o laboratório (antiga vidraria do DQ) de Laboratório de Analítica, Bioanalítica, Biossensores, Eletroanalítica e Sensores do Departamento de Química da UFSCar (LABBES).

A outra ala do DQ eram antigas salas de aula que foram transformadas em laboratórios. No caso de todos os laboratórios de QA do andar térreo foram inaugurados após as reformas feitas entre os anos de 1993 a 1994 (preciso confirmar) com verbas de infraestrutura financiados pela FAPESP sob a minha coordenação, mas com participação ativa da redação do mesmo dos Professores Milton Capelato e Joaquim A. Nóbrega. Os Laboratórios de QI sob a coordenação do Prof. Alzir (ver mais detalhes).

-Exerceu algum cargo de direção, Coordenação de curso, tutoria de PET? Qual período?

Sim. Fui vice-chefe do DQ de 08/1990 a 03/1991 e chefe de 03/1991 a 06/1991 e coordenador do PPGQ no 08/2001 - 08/2003. Participei de diversas comissões do DQ da UFSCar.

- Como o Ensino foi modificado até hoje?

No período de 43 anos de docência o ensino mudou inúmeras vezes e fica difícil descrever as mudanças. Houve inúmeras mudanças das grades curriculares, ementa das disciplinas, oferecimento de diversas disciplinas etc Na química analítica já discutimos em oferecer disciplinas sustentáveis (verdes) de menos impacto aos alunos, professores e meio ambiente. Vamos mudar radicalmente os experimentos das disciplinas, mas precisamos de tempo e de ajuda de colegas. Quem poderia fazê-lo por não se dedicar as pesquisas, nada fazem.

-Como a Pesquisa foi modificada neste período?

Nas últimas décadas tenho trabalhado na área de Química Analítica com ênfase em eletroanalítica, bioanalítica, métodos ópticos de análise no UV-Vis, quimiluminescência, atuando principalmente nos seguintes temas: análise por injeção em fluxo com detecção eletroquímica, espectrofotométrica no UV-Vis, turbidimétrica e por quimiluminescência, espectrofotometria com longo caminho óptico, biossensores à base de extratos e tecidos vegetais, eletrodos de pasta de carbono modificados, eletrodos modificados com filmes poliméricos contendo nanotubos de carbono, óxido de grafeno reduzido, negro de fumo (carbono black) e/ou nanopartículas metálicas (platina, ouro, óxido de níquel entre outras), eletrodo de diamante dopado com boro, Química Analítica

Verde e ensino de química (desenvolvimento de experimentos de baixo custo com material do dia-a-dia.

-Como o DQ contribuiu no desenvolvimento da UFSCar?

O DQ é um dos departamentos mais produtivos da UFSCar estando sempre na vanguarda do conhecimento.

-Na sua percepção há diferença no convívio dos docentes com os alunos (comparando quando entrou no DQ e agora)?

O convívio foi sempre amigável entre docentes e alunos e completamente diferente de outros departamentos e/ou instituições. Há mais ganhos que perdas para ambos lados.

Depoimento do Prof. Pedro Sérgio Fadini

- Quando iniciou suas atividades no DQ?

Como docente iniciei minhas atividades em 2009, mas fiz minha graduação na UFSCar no início dos anos 1980.

-De onde você veio (de qual Universidade; Programa de Pós Graduação)?

Fiz meu Mestrado na Faculdade de Engenharia Civil da Unicamp, na área de Hidráulica e Saneamento e Doutorado no Instituto de Química da Unicamp, na área de Ciências, focado em Química Analítica e Ambiental.

- Qual era o tamanho (físico e de pessoal) do DQ e da UFSCar ?

Em 2009, estávamos em pleno andamento do programa Reuni, acredito que o DQ tenha hoje pelo menos 10 professores a mais do que naquela época. Vale destacar também a recente inauguração do novo prédio, denominado de Nanobio.

- Como era dividido o DQ (por grupos de pesquisa?)

Em 2009 acredito que não era muito diferente da configuração atual.

-Exerceu algum cargo de direção, Coordenação de curso, tutoria de PET? Qual período?

Chefia de Departamento (2019 até o presente)

- Como o Ensino foi modificado até hoje?

Talvez a grande modificação esteja por vir, com as adequações ao formato pandêmico.

-Como a Pesquisa foi modificada neste período

Acredito que estejamos vivendo uma fase de menor acesso aos financiamentos, que nos idos do início dos anos 2010 eram mais abundantes.

-Como o DQ contribuiu no desenvolvimento da UFSCar?

A produção científica do DQ bem como a colocação profissional dos egressos permite uma projeção não apenas da imagem do DQ, como também da UFSCar como um todo.

-Qual importância da UFSCar para a cidade e/ou região?

A UFSCar tem grande importância em termos de projeção do nome da cidade no cenário nacional, por meio da sua associação à tecnologias de ponta. É também muito importante a movimentação financeira ocasionada pela Universidade, via orçamentos associados à salários, movimentações relativas à projetos de pesquisa e atração de alunos. Ao mesmo tempo acho incrível que no município tenhamos uma quantidade enorme de doutores, 1 para cada 100 habitantes, a maior taxa da América Latina e como que mesmo assim, raras são as pessoas que levam sacolas retornáveis ao supermercado.

-Na sua percepção há diferença no convívio dos docentes com os alunos (comparando quando entrou no DQ e agora)?

Acredito que esta convivência dos docentes com os alunos diminuiu, assim como a convivência social entre docentes é escassa. Provavelmente isto se deve a quantidade elevada de trabalhos que são realizados por toda a comunidade e que acaba nos afastando do convívio social. Talvez, a competição acadêmica também tenha sua contribuição.

-Há alguma coisa que já houve no DQ, não há mais, mas seria bom ter (recuperar).

Não acredito em recuperação. Qualquer tentativa de reedição poderá ser muito frustrante. O mundo mudou, mesmo antes da pandemia. Talvez possa ser possível alguma reconstrução.

Depoimento da Profa. Quezia B. Cass

Cheguei à UFSCar em setembro de 1983. Era uma jovem de apenas 27 anos. Trazia na bagagem: um bacharelado em Farmácia pela Universidade Federal de Pernambuco; um PhD em química pela City University, em Londres, sob a orientação do Professor Peter Sammes, como bolsista da Organização Mundial da Saúde (OMS); e um estágio como bolsista recém-doutor do CNPq, quando trabalhei no Departamento de Fisiologia e Farmacologia da Escola de Medicina da UFPE, no grupo do Prof. Waldemar Ladosky. , Em 1983, a UFSCar estava sob um interventor, o Prof. Antonio Guimarães Ferri, ex-vice-reitor da USP. Era um período conturbado e de fortes manifestações, com o movimento “Fora Ferri”, que culminou com invasão da Reitoria por parte de alguns alunos.

Ao contrário de outros departamentos, a Química tinha uma comissão de contratação e organizava os concursos por meio de editais. Contratavam-se novos professores por um período probatório de 2 anos. O contrato que assinei era regido pela CLT, dando-me direito a carteira trabalhista e fundo de garantia. São Carlos era uma cidade pequena, muito provinciana. A secretária do Departamento me disse que eu fazia uma péssima escolha ao trocar Olinda por Sanca.



De mudança para São Carlos – No aeroporto dos Guararapes em Recife. Setembro de 1983.

De imediato, fiquei responsável por uma turma enorme de Química Orgânica 1, que reunia não só alunos da Química (Bacharelado e Licenciatura), mas também das

Engenharias. Uma das aulas da semana era no sábado às 8 h da manhã, juntamente com a turma do Prof. Paulo Cezar Vieira, que gentilmente me dava carona, pois eu não tinha carro, nem sabia dirigir. O Departamento de Química já se encontrava no prédio atual. Contudo, os espaços de laboratórios terminavam na escada de incêndio, após o antigo laboratório do falecido Prof. José Nogueira e da Profa. Ione Iga (atual Antonio Pinto Loureiro). O Departamento já estava organizado em grupos didáticos: Química Orgânica, Inorgânica, Físico-química e Analítica e os respectivos grupos de pesquisas. Fui contratada na vacância deixada pelo Prof. Eliezer Barreiro e assim fui alocada no laboratório de síntese, junto com os Professores Timothy e Ursula Brocksom. Desse ano inicial, tenho um trabalho junto com o professor Brocksom. Seus resultados constituem uma parte preliminar do que se tornou a dissertação de mestrado da Profa. Arlene Corrêa.

Éramos nove no grupo de Química Orgânica: Timothy, Ursula, Roberto, Tércio, Fátima, João Batista, Massami, Paulo Cezar e eu, divididos em três laboratórios de pesquisa. Fui extremamente bem acolhida por todos e os esforços dos primeiros projetos institucionais, quase sempre assinados pelo Prof. João Batista, permitiram o crescimento do grupo ao longo dos anos e a aquisição de instrumentos de qualidade. Já tínhamos pós-graduação em QO com poucos alunos e uma grande colaboração entre os membros dos três laboratórios. A Escola de Verão em Química Orgânica já se encontrava na quarta edição e movimentava o Departamento como um todo. Embora recém-chegada, consegui trazer o Professor Stephen Matlin, da City University, para a Escola de 84, pois o convidado inicial cancelou sua vinda em novembro de 83.

Conquanto estivesse em período probatório, o Departamento permitiu a minha volta para Inglaterra atendendo ao convite feito pelo Prof. S. Matlin para uma posição de *fellow* na City University, em projeto financiado pela OMS. A ida para Inglaterra em meados de 84 me tirou do centro da efervescia das Diretas Já!, que culminou com a eleição indireta de Tancredo Neves e a posse do Presidente Sarney. Por outro lado, me fez assumir uma responsabilidade pessoal imensa, pois viajei com um filho de 1 ano e 2 meses. Meu marido (Prof. Mark Cass) ficou aqui como professor recém contratado junto ao CECHE. Foi um ano de grande aprendizado e muito trabalho, pois era a única PD em grupo cheio de alunos de doutorado. Contando com a minha ida, Matlin tirou uma licença de três meses para visitar a Universidade de Lisboa.

Após voltar do pós-doutoramento, em 1985, iniciou-se de fato a minha carreira como pesquisadora no DQ-UFSCar. De imediato, publiquei um trabalho no volume 3 do JBCS, com resultados do trabalho iniciado na City e de um projeto financiado pela FAPESP em síntese de derivados fluorescentes do gossipol, conduzido por minha primeira aluna de IC (Ivani Malvestiti, hoje Professora na UFPE). O artigo publicado engloba também resultados do trabalho de mestrado do Prof. Ricardo Longo (UFPE), com orientação do Prof. Luiz Carlos Gomide, e mostra a interação desde aquela época entre os grupos e os trabalhos conjuntos desenvolvidos.

Começando a formar a identidade do meu grupo, em 1991 publiquei um trabalho em *Phytochemistry* sobre a determinação da razão enantiomérica do gossipol. Este trabalho foi integralmente feito por uma aluna de iniciação científica, a Maria Elizabeth Tiritan (hoje Professora na Universidade do Porto). Além disso, a determinação da razão enantiomérica foi feita cortando-se e pesando-se as bandas nos cromatogramas. Para minimizar as diferenças de pesagem, cada cromatograma foi fotocopiado em decuplicata.

O trabalho em síntese de compostos para serem testados como anticoncepcionais masculinos financiado pela IOCD (*International Organization for Chemical Sciences in Development*), com a qual trabalhei na condição de pesquisadora principal do grupo de fertilidade masculina, rendeu-me amigos e muitas viagens ao exterior. Os resultados biológicos iniciais dessa série, obtidos pelo grupo do Prof. James Consentino, de Millersville University, nos EUA, foram muito promissores. Por conta de uma entrevista dada por ele, houve um certo zunzum na imprensa nacional sobre a possibilidade de termos conseguido um anticoncepcional masculino. Os telefonemas e as cartas dos homens oferecendo-se para testarem a suposta pílula me divertem até hoje. A maior parte do trabalho foi desenvolvido por Valéria Belloti, como dissertação de mestrado.

O grupo do laboratório de Síntese contava com a inestimável presença do Sr. Antonio Loureiro, técnico do laboratório, e marca uma época de dificuldades estruturais (laboratório pequeno, falta de instrumentação), mas muito feliz.



Grupo no Laboratório de Síntese.

Fui coordenadora do curso de Bacharelado e Licenciatura em Química de 06/1988 a 06/1990. No meu entender, isso ocorreu muito cedo. Mas foi uma tarefa relativamente fácil, em razão do apoio que recebi da vice-coordenadora. Os tempos eram outros e as funções de coordenador também. Enquanto a Professora Elizabeth Moraes cuidou, como vice-coordenadora, das tarefas internas, cuidei das reuniões externas ao Departamento. Do período, lembro-me da luta para implantar o horário fixo das disciplinas básicas na UFSCar, o que conseguimos com o imenso apoio do Prof. Nerilso Bochi, que se dispôs a fazer, com um funcionário da DICA, a grade de horário para todas as disciplinas básicas. O horário fixo foi posteriormente ampliado para as disciplinas específicas. Muitos anos depois, já com os cursos separados, e atendendo a convite das coordenadoras, fui vice-coordenadora dos cursos de Licenciatura e do Bacharelado em 2006 e em 2010, respectivamente. Outra atividade de ensino de que participei e da qual gostei imensamente foi a de Membro Titular junto à Comissão para Reformulação Curricular do Curso de Bacharelado em Química.

Meu envolvimento com cromatografia líquida já era grande no início da década de 90, a despeito dos vários projetos em síntese. Assim, foi muito natural que, em missão de trabalho à City University, no projeto *Determinação da Relação Enantiomérica do Gossipol na Semente do Algodoeiro*, financiado pelo CNPq e pelo Conselho Britânico (1989-91), eu redigisse com Matlin um projeto conjunto sobre síntese de fases quirais de polissacarídeos. Esse projeto mudou completamente o rumo

da pesquisa que vinha desenvolvendo e gradualmente me afastou, depois de algumas orientações, da síntese orgânica. O impacto desse projeto permeia as minhas publicações até hoje, e os temas de muitas orientações.

O projeto do Programa Infraestrutura da FAPESP de 1995 possibilitou a implantação do laboratório Antonio Pinto Loureiro em 96 e me permitiu – depois de mais de 12 anos com meus alunos trabalhando em uma única bancada no laboratório de síntese – a diversificação de projetos de pesquisa e a expansão do número de orientados e a aceitação de pós-doutores.



Foto do dia de inauguração do “CLAE”- depois nominado Laboratório Antonio Pinto Loureiro em homenagem ao excelente técnico do DQ-UFSCar.

A ida por seis meses em licença sabática, para o grupo do Prof. I. Wainer foi uma escolha cuidadosamente planejada. O objetivo primordial foi inteirar-me dos procedimentos de validação e segurança no trabalho com fluidos biológicos. Os projetos iniciados nesse período marcam uma nova fase da pesquisa e de instrumentação em cromatografia líquida, com os estudos de fármacos em amostras biológicas por injeção direta. Esses trabalhos iniciaram-se com a doutoranda Ana Luiza Degani (hoje na EMS) e a PD Neila Cassiano (DQ-UFSCar), ambas bolsistas FAPESP. As revisões publicadas no tema apresentam as contribuições feitas, assim como o número de publicações é o reflexo das várias orientações.

A ida a Georgetown University, em Washington, DC, nos EUA, em início de 1998, teve duas razões principais. O primeiro foi o pedido da Dra Degani para mudar o

rumo da pesquisa dela iniciada no mestrado para estudos com os mesmos fármacos, mas em fluidos biológicos. Nesse contexto, como era de se imaginar, pensei inicialmente em voltar para Inglaterra, mas o Professor José Tercio foi enfático em me dizer que eu deveria sair da minha zona de conforto e ir para um outro país – como se ir para um sabático com dois filhos adolescentes (14 e 11 anos) sozinha já não fosse o suficiente. Um amigo da época do doutorado, Prof. John Lough, me apresentou ao Prof. I. Wainer e assim o local determinado para o sabático foi devido à mudança do professor em 1997 da McGill University, em Montreal, para Washington, DC.

O ano 1998 foi de muita agitação na vida universitária no Brasil – e fui para o EUA logo no início de fevereiro, por seis meses somente. Deixei um laboratório recém-inaugurado e um projeto FAPESP em andamento sob a responsabilidade do Prof. Massami Yonashiro, com quem dividia o novo laboratório. Na minha ausência, as IES fizeram a greve de maior duração que a UFSCar participou e me vi em situação financeira bastante difícil, pois o MEC suspendeu o pagamento dos salários das universidades em greve. Ao voltar, as aulas foram remanejadas e demos aulas do segundo semestre até início de março.

Na XX Escola de Verão em Química Orgânica e V Escola de Verão em Química Inorgânica “Prof. Dr. José Tércio B. Ferreira”, em 2000, o professor Wainer ministrou o belíssimo curso “*The Impact of Stereochemistry on Pharmacokinetics, Metabolism and Therapeutic Activities*”, cozinhou na minha casa, junto com os outros convidados da Escola, e pudemos estabelecer os fundamentos para cooperação posterior em projeto inicial envolvendo imobilização de enzimas.

Até 2015, todos os projetos foram conduzidos no laboratório Antonio Pinto Loureiro e na “sala de cromatografia”. A sala com uso instrumental era comum a todos do grupo de QO, especialmente o grupo de produtos naturais, com seus muitos trabalhos em separação preparativa.



A Sala de cromatografia

Já com dois equipamentos de LC-MS/MS e sem mais espaço para instalação de novos equipamentos, a aquisição de um LC-HRMS associado a um projeto temático aprovado na FAPESP impôs a necessidade de mudança. Assim, após ampla negociação e estresse, o laboratório instrumental do Núcleo de Pesquisa em Cromatografia – Separare foi inaugurado em 25 de fevereiro de 2015. Para implantação do Separare, após ampla reforma estrutural do antigo laboratório de Química Geral, tivemos que planejar desde os móveis até a mudança dos equipamentos de um prédio para outro, tarefa nada trivial. O comprometimento dos alunos da época foi primordial para o sucesso. A Profa. Regina Oliveira se revelou uma perfeita arquiteta de móveis de laboratório, a Dra. Bianca Rebelo, uma nata administradora e a Dra. Neila Cassiano uma chefe de equipe de construção.



Inauguração do Separare-25 de fevereiro de 2015.



Separare - no dia inauguração -25 de fevereiro de 2015.

Faço parte do programa de pós-graduação do DQ-UFSCar desde 1988 – naquela época para orientar no mestrado tínhamos que ter concluído uma orientação de IC. A bolsa de IC FAPESP concluída pela Ivani Malvestiti permitiu que eu a orientasse no programa de mestrado em 08/1988. A conclusão, em 05/1991, me qualificou para orientá-la no doutorado. Atualmente, com 27 orientações concluídas de doutorado (incluindo 3 coorientações), 29 de mestrado, (incluindo 2 coorientações), 27 de IC e 15 de PD, posso dizer que, das contribuições à UFSCar, a formação de recursos humanos é o que mais me emociona nessa jornada.

Quero concluir esse depoimento com a mensagem que deixei aos meus alunos da turma de bacharelado em química de que fui paraninfa, em 2005:

Devo dizer que, para mim, ensinar bem significa muito mais que a enumeração dos rudimentos da Química Orgânica – tais como as reações de substituição nucleofílica e os tão temidos rearranjos sigmatrópicos –, mas sim a exposição de conceitos sem os quais a ninguém é lícito apresentar-se como profissional, em especial como profissional da ciência: seriedade, disciplina, honestidade intelectual e, sobretudo, amor incondicional ao trabalho – amor esse que lhes possibilitará tornarem-se as pessoas com que sonham um dia ser, mesmo que em tais sonhos a Química esteja distante e esmaecida.

Depoimento do Prof. Renato Lajarim Carneiro

-Quando iniciou suas atividades no DQ?

Iniciei em junho de 2010

De onde você veio?

Fiz a graduação na Universidade Estadual de Londrina e mestrado e doutorado na UNICAMP

-Qual era o tamanho (físico e de pessoal) do DQ e da UFSCar?

No DQ não havia o edifício Nanobio e a extensão do LIEC, nem o laboratório de biogeoquímica. Na UFSCar mudou bastante coisa, o restaurante da ADUFSCar era o tablado, não havia o restaurante como é hoje. Vários departamentos cresceram com novos edifícios, como a Eng. Química, Matemática, área biológicas, o Nullen, entre outras obras. Também não havia o campus de Lagoa do Sino, que foi inaugurado em 2014.

-Exerceu algum cargo de direção, Coordenação de curso, tutoria de PET?

- vice-coordenador do curso de licenciatura em química (mai/2013 – jul/2014);
- tutor do grupo PET-Química (mai/2013 – jul/2014);
- membro do NDE (julho/2015 até a atualidade);
- vice-coordenador do bacharelado (nov/2015 – ago/2017);
- coordenador do bacharelado (mai/2017 – set/2018);
- diretor da ADUFSCar (set/2017 – ago/2019);

-Como o Ensino foi modificado até hoje?

Como dou aula há apenas 10 anos, houve pouca modificação de 2010 a 2020 na minha opinião. Somente o aumento de atividades virtuais, que foi catalisada pelo aparecimento do Corona.

-Como a Pesquisa foi modificada neste período?

Também nos últimos 10 anos, a pesquisa evoluiu de acordo com as novas descobertas. Um ponto de modificação foi a evidente diminuição de recursos e bolsas em relação aos últimos 10 anos. Uma tendência que vejo para o Brasil é que as pesquisas tendem a se deslocar para um campo mais aplicado, diminuindo a ideia inicial de que um projeto

tem ser pensado para gerar artigos, sendo incorporado nos projetos e artigos questões como: como esse projeto contribui no desenvolvimento da sociedade?

-Como o DQ contribuiu no desenvolvimento da UFSCar?

O PPG do DQ é o programa mais produtivo da UFSCar, é um departamento chave para a UFSCar ser o que é, tanto por trazer recursos como pelo alto nível de produtividade.

-Qual importância da UFSCar para a cidade e/ou região?

Além dos fatores econômicos óbvios devido à verba que a UFSCar traz para a cidade, a UFSCar (junto com a USP) transformou São Carlos num polo de tecnologia e inovação. Diversos alunos formados aqui hoje dirigem diversas grandes empresas, ou mesmo fundaram empresas. Eventos como o TUSCA que foi o maior evento universitário do país por um bom tempo também só foi possível pela existência da UFSCar. Também, o fato de São Carlos ser a cidade com maior densidade de doutores do país, vem da presença da UFSCar na cidade.

-Na sua percepção há diferença no convívio dos docentes com os alunos (comparando quando entrou no DQ e agora)?

Sim, apesar de eu ter ingressado a apenas 10 anos, o convívio diminuiu muito. Não apenas no DQ ou na UFSCar, mas creio ser uma tendência geral. No DQ em específico a baixa utilização da churrasqueira do DQ nos tempos atuais contribuiu muito com a diminuição desse convívio.

-Ha alguma coisa que já houve no DQ, não há mais, mas seria bom ter (recuperar)?

Com certeza churrascos do departamento com presença de alunos.

-Passagens que julgue importante/interessante

Tiveram várias, mas para mim as passagens mais marcantes foram aquelas que toquei um violão/cantei em eventos do DQ, como a EVQ de 2013 (foi gravado <https://www.youtube.com/watch?v=DgIvqpCFnhQ>) e o Sarau dos Cientistas Artistas de 2019.

Depoimento da Profa. Roberta Cerasi Urban

- Quando iniciou suas atividades no DQ?

Iniciei em junho de 2017

-De onde você veio (de qual Universidade; Programa de Pós Graduação)?

Fiz toda minha pós-graduação na Universidade de São Paulo campus Ribeirão Preto, porém após a minha pós fui docente na Universidade Federal de Goiás, na qual integrei o programa de pós-graduação como orientadora

- Qual era o tamanho (físico e de pessoal) do DQ e da UFSCar?

Quando entrei, o Nanobio estava em construção e as demais instalações como estão agora. Já com relação ao pessoal, eram 48 docentes e os técnicos os mesmos, exceto a Celi que ainda estava no DQ no lugar do Marco.

-Exerceu algum cargo de direção, Coordenação de curso, tutoria de PET? Qual período?

Não.

- Como o Ensino foi modificado até hoje?

Eu tento modificar a maneira como ensino, mas em termos de estrutura de curso nada mudou.

-Como a Pesquisa foi modificada neste período?

Com relação a pesquisa, a coordenação do PPGQ foi alterado, mas não foram realizadas grandes modificações no programa. Obviamente neste momento tanto a pesquisa quanto o ensino foram muito alterados devido à pandemia.

-Como o DQ contribuiu no desenvolvimento da UFSCar?

Acredito que o DQ como um dos maiores departamentos da universidade, tenha contribuído bastante com o desenvolvimento da mesma.

-Qual importância da UFSCar para a cidade e/ou região?

É visível o impacto das universidades na cidade. Neste período de pandemia, a cidade estava com uma população muito menor. Além da questão de número de pessoas, a UFSCar atua em diversos projetos sociais e educacionais que são demasiadamente importantes para a cidade.

-Na sua percepção há diferença no convívio dos docentes com os alunos (comparando quando entrou no DQ e agora)?

Não vejo mudanças.

Depoimento da Profa Rosa Maria Bonfá Rodrigues

Agradecida pelo convite para participar desse projeto de resgate da história do DQ-UFSCar, compartilho este relato que é a história que deixo para os meus netos e bisneta como minha historia de vida.

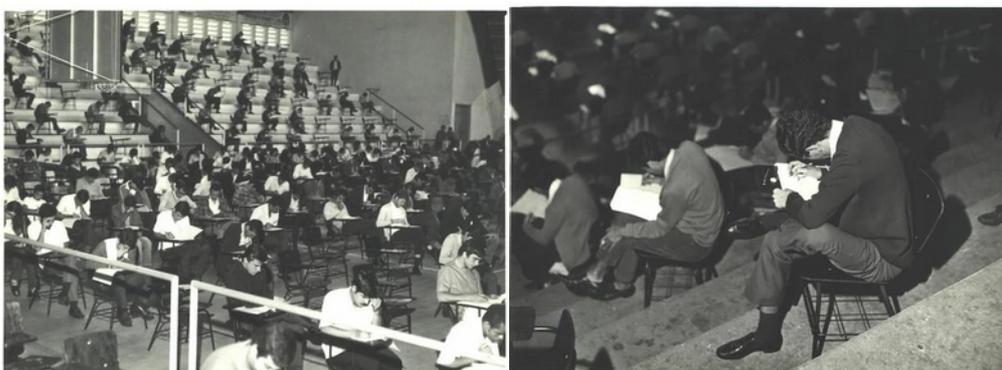
Em 1971 ingressei na UFSCar como aluna na primeira turma de Licenciatura em Química. Recordando....Cursando o científico (o antigo colegial era dividido em clássico e científico) decidi que eu queria mesmo era ser química e iniciei o curso de Química Industrial (o que havia de acessível e próximo) e me formei em 1967. E aí?!..como continuar? Vivíamos os anos de chumbo (ditadura) e a família italiana jamais deixaria sua filha estudar/trabalhar fora. Meu pai chegou a construir um pequeno laboratório no fundo de casa onde passei a fazer perfumes até me descobrir alérgica.

1969 – casei em janeiro, meu pai faleceu em um acidente em abril, a vida virou do avesso e precisei me reinventar.

1970 a UFSCar iniciou suas atividades e havia a possibilidade do curso de Química para 1971. Com uma bebê de 6 meses comecei a me preparar para o vestibular.

Vestibular realizado no Ginásio João Marigo Sobrinho

Fotos- <https://ueimcech.wixsite.com/memoriaufscar>



E cheguei na “Federal”!



Portal



Área Sul

Fotos <https://ueimcech.wixsite.com/memoriaufscar>

A universidade foi implantada na antiga Fazenda Trancham que teve suas instalações adaptadas, onde:

- a casa principal abrigou a reitoria

- a casa do administrador da fazenda acomodou os primeiros professores e um pequeno balcão na entrada era a secretaria geral. Local que depois foi o Banco do Brasil e é a atual ADUFSCar.

- o estábulo foi por muito tempo Laboratórios de Química até a mudança para a área norte.

Laboratórios de Química

Fotos <https://ueimcech.wixsite.com/memoriaufscar>



- um único prédio foi construído para abrigar salas de aula, salas de professores (Química, Matemática e Física em diferentes corredores), “Biblioteca” e o Estudão (depois laboratório de meios auxiliares).



Fachada do prédio



Entorno do prédio



Sala de aula



Reunião professores



Distribuição interna



Biblioteca

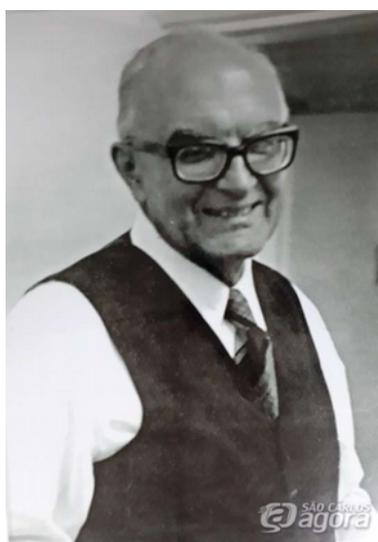
Em um barracão o “Forte Apache” era a Lanchonete que gerou os primeiros boicotes e reivindicações e era a única diversão

Fotos <https://ueimcech.wixsite.com/memoriaufscar>



A Química iniciou com 6 docentes com a maioria iniciando seus mestrados fundamentalmente na USP e os primeiros concluídos em 1975.

Foram meus professores: Annik Vivier, Carlos Bunge, Mario Tolentino (chefe do departamento), Elson Longo, Antonio Mozeto, Alberto Senapeschi, Servulo Domingues



Annik Vivier

Mario Tolentino

Eram também professores da Química: Adalberto Perdigão, Alícia Batana, Elizabeth de Mattos Moraes, Fúlvia Gravina Stamato, Leopoldo Caruso, Iran Pedro.

No laboratório, os técnicos: Celso Fragiacomio, e Silvio Bertolani, logo depois vieram a Alzira, Ricardo e Deolinda. A oficina com o Roque, a vidraria com o Gentil e depois o “menino” Ademir Sertori foram também muito importantes para o desenvolvimento do DQ.

Uma graduação com muito estudo e muita teoria, 40 horas semanais com disciplinas de 6h/semana e aulas aos sábados. Equipamentos para o ensino? Praticamente inexistentes. Muitas atividades, monitorias a partir do segundo período, I.C e participação em muitas atividades da universidade.

Tive a felicidade de fazer todas as disciplinas de Físico-Química com a profa Annik, carismática e com ótima didática, que escrevia seu livro “Introdução Química Quântica” e testou todos seus exercícios na nossa turma. Com Mario Tolentino e Servulo tivemos uma convivência próxima e muito aprendizado (metodologia e didática) inspiraram muitos alunos para o ensino.

Foto de 1973 – Primeiros Licenciados em Química pela UFSCar:

1. Ana Maria de Guzzy Peplis, 2. Maria Inês Cassab, 3. Teresa Dib Zambon, 4. Rosa Maria Bonfá Rodrigues 5. Carlos Alberto Crnkovic



1973- formandos na escadaria da Catedral de São Carlos



1973- formandos na colação de grau no São Carlos Clube Avenida (5^o fila a partir da esquerda, segunda a sexta posição) os 5 formandos da Licenciatura em Química)

1974 - Fui a primeira aluna contratada como professora.

Em seguida outras contratações Adhemar Ruvolo-UFSCar (FQ), Luiz Bulhões-USP-SC (FQ) e Milton Capelato USP-RP (eletro-analítica).

Nesta época as disciplinas experimentais começaram a ser estruturadas com muito poucos recursos. O prof. Mario com auxílio da oficina mecânica (Roque) e da oficina de vidros (Gentil) desenvolveu uma série de experimentos e simulações montadas em acrílico que eram projetadas a partir do retroprojetor. Entre outros temas uma pilha de Daniel, diferentes meias células que podiam ser combinadas com a ponte salina feita com uma vela de filtro de água. Reações relógio permitiam discutir cinética, equilíbrio...

Com a implantação do Bacharelado em Química (1976) foram contratados muitos docentes vindos principalmente da USP-SP, um importante reforço ao ensino e a pesquisa, definindo e estruturando principalmente as áreas de Química Orgânica (QO) e Química Inorgânica (QI).

Nesta época também foram contratados outros ex-alunos principalmente na área de Físico Química (FQ): Sonia (FQ), Ivani (FQ), Nerilso (FQ), Romeu (FQ), Fatibello (Q. Analítica), Massami (Q Orgânica). A política de contratação de ex-alunos se manteve e hoje convivem remanescentes da época inicial com seus ex-alunos que se tornaram colegas, sucessivamente, todos contribuindo muito com o desenvolvimento e administração do DQ.

O DQ cresceu, evoluiu, o ensino passou por algumas reformas, e merecem destaque:

I - Com a definição das áreas e o início efetivo da pesquisa, a carga horária foi reduzida de 40 horas semanais para 26 horas, deixando muitas “janelas” no horário que em princípio deveriam ser usadas para Iniciação científica e dedicação ao estudo.

II – Em 1999 com base na proposta de Diretrizes Curriculares para os Cursos de Química foram definidos projetos independentes para os cursos de bacharelado e licenciatura. A criação do Curso de Licenciatura em Química Noturno foi aprovada em 09/09/99 e foi implantado em 2000. Em 2002 houve a extinção do curso de Licenciatura no período diurno.

1997 a 2001-Fui Coordenadora do Curso de Química Licenciatura/Bacharelado da UFSCar por 2 períodos, a partir de 1997.

Época de muitas lembranças boas que agradeço ao Massami ter me convencido e coordenadoras anteriores pelo trabalho ótimo, lembrando que com a Beth Moraes tudo era no lápis e papel. Sou muito grata também ao apoio da Beth e Rose e Rita nas secretarias.

Neste período a criação do **Curso de Licenciatura Noturno** foi muito discutida e negociada em varias instâncias, aprovada, implantada e fui sua primeira coordenadora.

A aprovação para a construção do laboratório de Química Geral, Prédio Prof Eduardo Neves, também demandou longas e desgastantes discussões.

Na coordenação fui responsável pela **idealização e implantação do Prêmio Mario Tolentino**, que na época contemplava alunos formandos sem nenhuma reprovação.

Particpei de Cursos/Comissões/Conselhos/Câmaras

Particpei/coordenei Cursos de Extensão, Especialização e Aperfeiçoamento para Professores de Química. Programa Pró Ciências/CAPES/PADCT.



Pró ciências



Grupo de Trabalho Químicas Integradas G6. Participei da formação inicial do grupo e da elaboração da proposta para as Diretrizes Curriculares para os Cursos de Química.



Grupo de Trabalho “Químicas Integradas – G6” (ausente Luiz Henrique Ferreira)

Nesta época também foi implantada a *Disciplina Intersemestral (DI)* visando a *Integração dos Cursos de Química das Universidades Públicas Paulistas*. Oferecida no período de férias uma unidade recebia alunos selecionados dos 6 cursos de Química participantes, para uma disciplina inovadora além de várias atividades culturais e lazer.

A primeira DI foi oferecida no QQ/ UFSCar (1999) pelos professores Orlando Fatibello e Joaquim de Araújo Nobrega. E sempre contamos com a colaboração de professores e grupos de pesquisa, inclusive financeiramente.



Disciplina Intersemestral no DQ , talvez no ano 2011

Mestrado, doutorado e pesquisas, tempos maravilhosos e difíceis.

As pesquisas eram realizadas com grandes dificuldades com bibliotecas, equipamentos, deslocamentos e escolhas difíceis, como a possibilidade de bolsas no exterior e impossibilidade de aceitar.

Mestrado em Química pelo Instituto de Física e Química de São Carlos da Universidade de São Paulo. Área de Físico Química com orientação do Prof. Dr. Luis Alberto Avaca.

Pesquisa bibliográfica – para consulta do Chemical Abstract e periódicos só na USP São Paulo. A substância estudada e o solvente não aquoso com processos de purificação complexos e que foram resolvidos no DQ com a construção dos equipamentos:

- Coluna de fracionamento espelhada com 1,50m para destilação a pressão reduzida para a purificação da dimetilformamida
- Célula eletroquímica com atmosfera inerte
- Dry box para manuseio das substâncias e preparo das soluções
- Sublimação a vácuo da naftoquinona.

Doutorado em Ciências (Físico-Química) pelo Instituto de Física e Química de São Carlos da Universidade de São Paulo. Área de Físico Química com orientação do Prof. Dr. Carlos Ventura D'Alkaine.



-Contratação do Prof Dr Carlos Ventura D' Alkaine.

Éramos um grupo em formação e acéfalo que se reuniu e lutou para a contratação de um pesquisador que pudesse nuclear esse grupo. Assim chegou ao DQ o professor Prof Dr Carlos Ventura D'Alkaine. O professor D`Alkaine, orientou meu doutorado e me permitiu trabalhar com uma abordagem tecnológica diferente da pesquisa acadêmica, não menos importante ou envolvente.

1992 – X CIBAE em Córdoba – para um grupo de professores e alunos (UFSCar-USP) a viagem foi uma odisseia de 54 horas em um ônibus saindo de São Carlos as 20 horas de sexta-feira e chegando ao amanhecer de segunda-feira.

1994 - IX SIBEE e XI CIBAE, evento organizado por IQ-USP/DQ-UFSCar e realizado em hotel de Águas de Lindoia com os convites e material de divulgação já enviados para o mundo todo, surgiu uma dificuldade entre a fundação responsável e o hotel locado. Isto só foi resolvido com a maioria dos membros da comissão penhorando as escrituras das respectivas casas junto ao Banco do Brasil.

Contribuição do DQ no desenvolvimento da UFSCar

O DQ-UFSCar que no início ainda não era um departamento e ocupava algumas poucas salas do único prédio, hoje tem um complexo de prédios com diferentes funções e excelente infraestrutura de laboratórios e de equipamentos. Hoje são 50 docentes altamente qualificados e mantêm seus cursos de graduação e pós graduação entre os mais conceituados do país, com grande produção científica e forte interação com Indústrias Químicas e de Alta Tecnologia.

A importância da UFSCar para a cidade e/ou região

A UFSCar que teve até abaixo assinado contra sua implantação, foi chamada de universidade da ditadura e seus alunos não conseguiam alugar casas para suas republicas, hoje extrapolou suas fronteiras com os campi Araras, Sorocaba e Lagoa do Sino, e é uma das maiores referências e orgulho para São Carlos.

A convivência entre alunos e docentes no DQ e UFSCar

Se pudéssemos voltar ao início dos anos 70, poderíamos encontrar o reitor prof. Heitor Gurgulino de Souza (1970–1974) conversando com alunos em um banco na área sul e o vice-reitor prof. Maia em alguma sala ministrando aula de física.

No início como toda família pequena o DQ era bastante unido, com o crescimento, definição de áreas, afinidades e a participação efetiva dos alunos, naturalmente se reestruturou em vários ramos. E a minha avaliação externa é que esses grupos parecem bastante harmônicos.

Hoje a tecnologia que nos afasta e isola cada vez mais, pode também nos reconectar/aproximar, como na happy hour do dia do químico.

Importante citar o trabalho desenvolvido pelo grupo Ouroboros que não só divulga o DQ através da arte, como aproxima professores, alunos e administração de uma forma muito criativa.

Depoimento da Profa. Rose Maria Carlos

-Quando iniciou suas atividades no DQ?

Iniciei em 2004 como professora substituta e depois em 2006 ingressei como professora adjunto.

De onde você veio (de qual Universidade; Programa de Pós Graduação)?

Cursei Bacharelado em química no IFQSC-USP, Mestrado sanduíche na UNESP/USP e UCSB- nos Estados Unidos , doutorado na UNESP/USP e Pós-doutorado na Caltech- nos Estados Unidos e no IQSC- USP

-Qual era o tamanho (físico e de pessoal) do DQ e da UFSCar?

Quando fui contratada só tinha o prédio principal de laboratórios.

-Exerceu algum cargo de direção, Coordenação de curso, tutoria de PET? Qual período?

Fui vice-coordenadora do curso de bacharelado.

-Como o Ensino foi modificado até hoje?

Faço parte do grupo de professores da área de Química Inorgânica e regularmente realizamos discussões para atualizar como os conteúdos devem ser abordados

-Como a Pesquisa foi modificada neste período?

Ao longo destes 15 anos observo que houve uma mudança na direção para química aplicada, ou seja, mais voltada para transferência de tecnologia ou inserção social

-Como o DQ contribuiu no desenvolvimento da UFSCar?

Eu analiso que temos um corpo docente e discente muito ativo e presente na comunidade seja quanto aos cursos de licenciatura e bacharelado como na pós-graduação

-Qual importância da UFSCar para a cidade e/ou região?

A UFSCar , comumente denominada “Universidade” tem uma presença marcante na sociedade de São Carlos e entorno dada a abrangência de seus cursos, desenvolvimento científico e tecnológico e inserção cultural

-Na sua percepção há diferença no convívio dos docentes com os alunos (comparando quando entrou no DQ e agora)?

Acho que existe um equilíbrio e reciprocidade na relação discente-docente.

Depoimento da Profa. Sonia Regina Biaggio Rocha

Cheguei em São Carlos em 1972 para cursar Licenciatura em Química na UFSCar. A Universidade estava então em sua infância, campus pequeno, poucos edifícios onde hoje chamamos de área Sul, muito mais área verde e cerrado... O pórtico da entrada principal do campus, existente até hoje em frente à entrada da “Pista de Saúde”, fazia-nos lembrar a entrada de uma fazenda por sua singeleza: um portão de pedras de arenito rosado, rodeado com trepadeiras de primaveras vermelhas. (*Obs.: há fotos lindas desse pórtico*)

Nessa época, o Departamento de Química (DQ) ocupava um espaço físico pequeno, que era parte do 2º andar do edifício que hoje abriga o Departamento de Metodologia de Ensino do CECH. Lá, funcionavam a secretaria do departamento, que atendia tanto o público em geral quanto a chefia, e as salas dos cerca de 16 professores da época. Os laboratórios de ensino ficavam em outro pequeno edifício térreo (onde em seguida funcionou o Departamento de Educação Física e Motricidade Humana) e estavam organizados em 2 laboratórios para as diversas disciplinas experimentais e uma sala para os 5 técnicos e almoxarifado.

Até o final de 1976 a grande maioria dos docentes do DQ ainda estava em fase de formação, fazendo seus cursos de mestrado ou doutorado em outras instituições. Ainda não existiam grupos de pesquisa bem estabelecidos e tampouco havia espaço físico para laboratórios de pesquisa.

Em 1976 iniciei o curso de Mestrado em Físico-Química (no IQSC-USP) e em dezembro desse mesmo ano, aos 22 anos de idade, fui contratada como professora Auxiliar de Ensino no Departamento de Química da UFSCar. Cerca de mais 13 colegas foram contratados na mesma época, o que praticamente dobrou o corpo docente do DQ. Desses, 9 já tinham feito o doutorado, chegavam com uma rica tradição em pesquisa e permitiram que o DQ desse um salto qualitativo em termos de inovações no ensino e na pesquisa. Dessa forma, o Departamento “decolava” ao mesmo tempo que a Universidade crescia e projetava-se nacionalmente.

Já como professora Assistente, participei do planejamento e construção do primeiro edifício próprio do DQ ao norte da represa do campus. Com esta obra e

mudança de local em 1978, o DQ foi pioneiro em ocupar e, portanto, em definir a “área Norte” do campus. (*Obs.: há também ótimas fotos dessa época*)

Assim, a partir de 1978, o espaço físico gerado com o novo edifício permitiu que pela primeira vez fossem claramente estabelecidos os grupos de pesquisa com seus respectivos laboratórios, e laboratórios de ensino para cada área específica do curso de graduação. Com uma infraestrutura minimamente adequada e corpo docente entusiasmado, o DQ pôde pensar em criar o Programa de Pós-Graduação em Química, o que ocorreu em 1980 com o curso de Mestrado nas áreas de concentração de Físico-Química e Química Orgânica.

Ao cursar o doutorado, também no IFQSC-USP, defini que minha atuação em pesquisa seria na área de Eletroquímica. Entre 1989 e 1991 fiz pós-doutorado também nessa área, no Stanford Research Institute, Califórnia, EUA. Ao retornar, construímos com os colegas Nerilso Bocchi e Romeu C. Rocha Filho o Laboratório de Pesquisas em Eletroquímica (LaPE) do DQ – UFSCar, onde, ao longo dessas três últimas décadas, pudemos atuar em várias linhas de investigação (eletroquímica de titânio e ligas de titânio como biomateriais; corrosão; materiais para eletrodos de baterias de íons lítio; eletroquímica ambiental) e orientar inúmeras dissertações, teses e trabalhos de iniciação científica.

De 1980 até a presente data, a pesquisa no DQ deu um salto equivalente ao “de uma carroça para uma nave interplanetária”!! Equipamentos obsoletos deram lugar a equipamentos interfaciados a computadores rápidos, e a comunicação por internet, outrora inexistente, fez toda a diferença para a aquisição e divulgação de conhecimento. O ensino veio a reboque de toda essa transformação, e novas disciplinas foram criadas, ou remodeladas, para atender à nova era de materiais “inteligentes” e de informática muito desenvolvida.

Nunca me candidatei a cargos de direção importantes. Procurei participar de Comissões cujos trabalhos eu poderia dar maiores contribuições, como: representante do CCET junto à Coordenadoria Especial do Meio Ambiente; representante do CCET junto ao Comitê de Ética em Experimentação com Animais; Coordenadora do Laboratório de Ensino de Físico-Química por quase 2 décadas; membro do Núcleo Docente Estruturante do curso de Licenciatura em Química, dentre outras.

Dando destaque a outras áreas onde tive forte atuação, de 1997 a 2000 a UFSCar teve que enfrentar, de forma organizada, o problema do abandono e presença de animais domésticos no campus. Minha atuação foi decisiva para a criação de um grupo de voluntários e posterior coordenação da “Comissão de Cuidados e Controle dos Animais do Campus”, existente até hoje, cuja filosofia é: *“a Universidade tem o DEVER de buscar soluções humanitárias para o problema do abandono de animais e servir de exemplo para a comunidade”*. Desde então, a metodologia de trabalho dessa Comissão tem sido reconhecida e é exemplo para outras instituições, sendo assim um legado deixado como nossa contribuição social à UFSCar e à comunidade são-carlense.

Na minha percepção, a tendência da comunidade DQuiana nos últimos anos (com maior número de docentes e de alunos de pós-graduação) foi a de formar agrupamentos menores, limitados aos membros dos grupos de pesquisa, de abrangência mais seletiva, com salas de café instaladas nos próprios laboratórios e festas geralmente limitadas aos membros e agregados dos respectivos grupos. O que já houve no DQ, e que nos traz saudades e boas lembranças, foi um espaço com uma copa comum onde o cafezinho era servido em determinados horários (um de manhã e outro à tarde) a todos os docentes e técnico-administrativos do departamento. Ali, a socialização salutar e troca de informações recentes geravam um ambiente agradável de trabalho e de mútuo conhecimento entre todos.

Fotos de 1973- O DQ ficava na área Sul. À esquerda, local onde funcionavam os laboratórios do DQ e à direita, local onde era o DQ e que depois funcionou a Biblioteca Central da UFSCar (hoje é o CECH)



Foto de 1979, mostrando o prédio novo do DQ na área Norte da UFSCar



Foto de 1988 do prédio do DQ



Foto de 1988, LIEC



Foto de 1988, Oficina Mecânica- Ademir Gentil



Fotos de 1999, Inauguração do Auditório Prof. Mario Tolentino



Depoimento do Prof. Tiago Venâncio

-Quando iniciou suas atividades no DQ?

No dia 10 de fevereiro de 2009.

-De onde você veio (de qual Universidade; Programa de Pós Graduação)?

Fiz graduação, mestrado e doutorado no Instituto de Química de São Carlos da Universidade de São Paulo. Meu doutorado foi feito em parceria da USP com a Embrapa-Instrumentação Agropecuária.

-Qual era o tamanho (físico e de pessoal) do DQ e da UFSCar ?

Quando iniciei, o Departamento de Química já tinha quase todos os edifícios atuais, com exceção do novo Edifício Nanobio e alguns anexos do LIEC, a saber o prédio em frente ao Edifício da Pós-Graduação e o Edifício atrás do LIEC. Na ocasião o Departamento já contava com aproximadamente 50 docentes ativos sendo que, desde então, ingressaram 5 professores dentro do Programa REUNI, para expansão universitária.

-Como era dividido o DQ (por grupos de pesquisa?)

Naquela época já existiam os grupos de Química Analítica, Inorgânica, Orgânica, Físico-Química e Ensino.

-Exerceu algum cargo de direção, Coordenação de curso, tutoria de PET? Qual período?

Neste período fui vice-coordenador do curso de Licenciatura em Química, junto com a Profa. Dulce, entre 2014 e início de 2016. Quando retornei de um pós-doutorado na Inglaterra, em 2017, assumi a coordenação do curso de Licenciatura em Química. Desde então, continuo como coordenador, terminando o segundo mandato em julho de 2021.

-Como o Ensino foi modificado até hoje?

O curso de Licenciatura, onde atuo mais fortemente, passou por uma importante reformulação nos últimos 5 anos, inserindo na formação dos alunos um viés muito voltado às questões sociais intrínsecas aos meios que qualquer área de conhecimento profissional irá atuar futuramente. Vejo que esse aspecto é uma tendência muito presente dentro das Diretrizes Curriculares Nacionais, e se faz necessária, dada a característica social do nosso país. Do ponto de vista mais técnico, o uso de tecnologias tem sido cada vez mais forte, e sinto que a Pandemia do Covid-19 irá reafirmar e

consolidar isso. Porém, o velho contato olho no olho entre alunos e professores ainda é primordial na qualidade do processo de ensino-aprendizagem, e espero que isso não se perca, com o uso exagerado de tecnologias. Também percebo que o uso de recursos tecnológicos tem afastado os alunos da leitura, tão necessária atualmente. O reflexo disso, é o uso e a propagação de conceitos e informações incorretas.

-Como a Pesquisa foi modificada neste período?

A pesquisa deu um grande salto na última década e, em especial, o nosso Departamento se consolidou como um dos centros de excelência nacionais e com grande destaque no exterior. Tivemos a oportunidade de trazer inúmeros cientistas renomados, que estabeleceram parcerias com nossos grupos de pesquisa, permitiram o trânsito de estudantes e elevaram em muito a qualidade do nosso trabalho. Muitas das nossas pesquisas também têm sido destaque na comunidade em geral, mostrando que temos conseguido chegar cada vez mais próximos da população. A inovação tem sido cada vez mais cobrada e cada vez mais presente, felizmente. Porém, apesar de pequeno, ainda há espaço para a pesquisa básica, que é tão ou mais importante que a inovação, pois envolve a produção de novos conhecimentos, e este é um dos principais papéis de uma universidade, além da formação de recursos humanos, em todos os níveis superiores.

-Como o DQ contribuiu no desenvolvimento da UFSCar?

O DQ certamente contribuiu muito com o desenvolvimento da UFSCar, por ser um dos departamentos mais antigos da universidade, por ser um prestador de serviços para muitos outros departamentos, com ofertas de cursos e de instrumentação científica. Muitos outros departamentos, dos mais antigos aos mais novos, tiveram e têm uma relação muito próxima com o DQ. Do nosso departamento surgiram grandes lideranças, que atuaram na administração superior e em comitês externos de destaque, como CAPES, CNPq, FAPESP, Sociedades e Associações Científicas, etc. Todo esse trabalho do DQ, que continua, contribui para elevar o nome da UFSCar a importantes patamares de qualidade nacional e internacional.

-Qual importância da UFSCar para a cidade e/ou região?

É inquestionável a importância da UFSCar para a sociedade de São Carlos e região, desde a sua fundação. Essa importância vai além dos recursos que seus campi trazem para os municípios em que ela está instalada, pois a comunidade UFSCar é muito grande e contribui muito para o aspecto econômico das cidades. Mas certamente a sua

maior contribuição está no número de licenciados, bacharéis, mestres, doutores, pós-doutores que são formados aqui. Todos esses profissionais, altamente qualificados, alimentam a cidade de tecnologias, serviços prestados, fundam empresas que, por sua vez, geram muitos empregos. Mais recentemente, com a criação de cursos como Medicina, a UFSCar tem chegado ainda mais perto da comunidade, prestando serviços importantes, como agora na pandemia.

-Na sua percepção há diferença no convívio dos docentes com os alunos (comparando quando entrou no DQ e agora). É maior, igual ou menor?

De certa forma, as relações interpessoais estão mais próximas na atualidade, o que facilitaria muito o processo de ensino-aprendizagem. O corpo docente do DQ passou por uma grande renovação nos últimos 10 anos e, de certa forma, isso também contribuiria muito para esse contato maior, uma vez que a diferença entre gerações é menor. Porém, me chega aos ouvidos, já que estou aqui há apenas pouco mais de 10 anos, que o DQ sempre teve como característica o contato próximo entre docentes e estudantes. É claro que a diversidade de temperamentos entre os docentes é grande, então esse contato não é homogêneo. Então, a meu ver, penso que não houve uma mudança tão perceptível. Em alguns aspectos eu até acho que houve uma piora já que, cada vez mais, todos nós, docentes e alunos, estamos sobrecarregados com nossas atividades individuais – talvez esse seja o maior pecado dos tempos atuais – se privilegia a produtividade em detrimento das tão necessárias relações interpessoais.

-Há alguma coisa que já houve no DQ, não há mais, mas seria bom ter (recuperar)?

Embora eu seja pouco adepto das confraternizações do DQ, sinto que falta um pouco desse ambiente festivo, em que o contato pessoal professor-aluno era de fato estabelecido. Porém, eu entendo que os tempos são outros e, infelizmente, atitudes até certo ponto egoístas levam a instituição a tomar posições um pouco mais rigorosas e controladoras. Além disso, retomando um comentário anterior, acho que a cobrança por produtividade tem piorado muito esse contato interpessoal, e exacerbado cada vez mais o individualismo. Isso é muito triste!

-Passagens que julgue importante/interessante

Não me lembro de nenhuma passagem especial que se refira ao DQ como um todo. Em particular, no meu caso, tivemos um grande avanço no nosso laboratório na última década – esse é um grande legado, pelo menos por mais uns 10 anos a todo o DQ.

Porém existe uma passagem que me dá muita satisfação e, infelizmente, só quem está em coordenação de curso tem esse prazer todo final de semestre. Esse sentimento tem ficado cada vez mais forte, dado o perfil do corpo docente, que mudou bastante desde que o sistema de cotas foi adotado pela UFSCar, nos últimos 10 anos. Felizmente temos recebido cada vez mais estudantes que, ao final da graduação, confessam que são os primeiros de suas famílias a ter um diploma de nível superior numa universidade como a nossa. Mesmo com todas as adversidades, esses alunos chegam à UFSCar, se formam, se estabelecem, e esse é o meu maior prêmio.

Depoimento da Profa Wania da Conceição Moreira

Fui contratada na UFSCar pelo DQ em 1988 para uma vaga na área de Química Inorgânica ainda cursando o Doutorado No IQ – UNICAMP. Fiz a graduação em Licenciatura em Ciências de 1º. e 2º. Grau pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e Química Industrial pela Universidade Federal Fluminense com Mestrado e Doutorado pela UNICAMP e pós-doutorado na Universidade de Windsor – Canadá. Quando cheguei ao DQ o atual prédio principal era dividido com as salas de aula da Divisão de Matrícula da UFSCar. Na verdade, o Departamento de Química só ocupava o espaço até a entrada em frente ao Laboratório de RMN e o prédio terminava onde atualmente encontramos o auditório Mario Tolentino. Em um processo de “expansão” algumas “salas de aula” foram invadidas na “calada da noite” como a ocupada pelo antigo Laboratório de Sólidos do Professor Sérvulo (hoje laboratório de pesquisa do Grupo de Química Analítica); o restante do prédio eram as maiores salas de aula do campus aliás único campus da Universidade. Os laboratórios de ensino eram basicamente os mesmos (no único prédio). O ensino de Química Orgânica e Química Inorgânica experimental era desenvolvido no mesmo laboratório, o atual Laboratório de Ensino de Química Inorgânica o que gerava um pouco de confusão e dificuldade de expansão. O atual laboratório de ensino de Química Orgânica era o Laboratório de Pesquisa da área de Química Inorgânica e cada docente da área tinha direito a uma parte da bancada, mais ou menos 1 ou 2 armários de extensão.

Em 1991 assumi a vice coordenação do Curso de Química (na época Bacharelado e Licenciatura) assumindo a coordenação após a aposentadoria da Professora Elisabete Coordenadora de Curso na época sendo também membro da Câmara de Ensino do DQ dentre outras. Em 1995 após meu pós-doutoramento no Canadá assumi a Tutoria do Programa Especial de Treinamento (Grupo PET-QUÍMICA/CAPES) e permaneci como Tutora por 6 anos período onde o grupo foi quase extinto. Neste período foram implementadas diversas atividades que deram início a mudança das características do Grupo e o tornaram mais abrangente em termos de interação com o curso de Graduação. Na época, sendo também representante de área na Comissão de Pós-Graduação os projetos do Grupo PET foram melhores recebidos pela CAPES. Fui Coordenadora do Curso de Bacharelado em Química (diurno) após a separação dos cursos diurno e noturno como também atuei junto ao curso de Licenciatura em Química Noturno, participando também da atualização curricular como

presidente da comissão, vice chefe do Departamento de Química e junto ao CCT e PROGRAD como presidente das Comissões de Bolsas (Monitoria e Treinamento). Ao final, atuei como Coordenadora de Ensino de Graduação PROGRAD-UFSCar e na presidência da CAPA/COG por duas gestões.

No decorrer dos anos o Curso de Química sofreu mudanças significativas apesar de não ter tido uma expansão significativa no espaço ocupado, os projetos submetidos pelo DQ aos órgãos competentes conseguiram modernizar experimentos que, mesmo não sendo o ideal, contribuíram para o aprimoramento da formação dos estudantes. A atuação do DQ na UFSCar sempre foi marcante em todos os principais pilares da Universidade, seja na Pesquisa, Ensino ou Extensão com um corpo docente engajado e participativo.

Em termos do convívio entre estudantes e professores nota-se sim uma diferença. Apesar de atualmente os estudantes se mostrarem mais “confortáveis” para a aproximação estudante/professor com o crescimento tanto no número de estudantes de Pós-Graduação e Graduação como no número de docentes e quantidade de atividades, consequentemente ocorre um maior “distanciamento” do que anteriormente. Até mesmo a interação docente-docente fica um pouco comprometida pelas inúmeras atividades desenvolvidas. Mas o DQ sempre foi e sempre será um “lar” que consegue abrigar a todos apesar das diferenças.

Docentes

2024

Nome	
Alejandro Lopez Castilho	
Ana Paula de Lima Batista	
André Farias de Moura	
Antonio Gilberto Ferreira	
Arlene Gonçalves Correa	
Caio Marcio Paranhos da Silva	
Caterina Gruenwaldt Cunha Marque Netto	
Dulce Helena Ferreira de Souza	
Edenir Rodrigues Pereira Filho	
Edson Roberto Leite	
Edson Rodrigues Filho	
Elton Fabiano Sitta	
Emerson Rodrigues de Camargo	
Ernesto Chaves Pereira de Souza	
Evandro Piccin	
Felipe Christoff Wouters	
Fernando Cruz de Moraes	
Fillipe Vieira Rocha	
Ieda Lucia Viana Rosa	
Ivani Aparecida Carlos	
Ivo Freitas Teixeira	
Jean Marcel Ribeiro Gallo	
Joaquim de Araújo Nobrega	
José Mario de Aquino	
Kalil Bernardino	
Kleber Thiago de Oliveira	
Lúcia Helena Seron	
Lúcia Helena Mascaro Sales	
Luiz Carlos Gomide Freitas	

Manoel Gustavo Petrucelli Homem	
Márcio Weber Paixão	
Marco Antonio Barbosa Ferreira	
Maria Fátima das Graças Fernandes da Silva	
Moacir Rossi Forim	
Nerilso Bocchi	
Orlando Fatibello Filho	
Pedro Sérgio Fadini	
Regina Vincenzi Oliveira	
Renato Lajarim Carneiro	
Ricardo Samuel Schwab	
Roberta Cerasi Urban	
Romeu Cardozo Rocha Filho	
Ronaldo Censi Faria	
Rose Maria Carlos	
Sandra Andrea Cruz	
Tiago Venâncio	

Docentes seniores

Alzir Azevedo Batista
Elson Longo
João Batista Fernandez
Julio Zukerman Schpector
Quezia Bezerra Cass
Timothy John Brocksom

LISTA DOS TÉCNICOS ADMINISTRATIVOS DO DQ /2024

1. Ademir Aparecido Sertori - Vidraceiro
2. Alessandra Firmino – Técnica Laboratório
3. Audálio Ricardo França – Secretário Licenciatura
4. Cristina Aparecida Motta – Secretária Pós-Graduação
5. Doraí Periotto Zandonai – Técnica Laboratório
6. Edilson de Almeida - Mecânico
7. Guilherme Martins Grosseli – Técnico de Laboratório
8. João Cesar Bosquetti - - Técnico de laboratório
9. Klisler Pinheiro de Melo - Técnico de laboratório
10.Lígia Augusto Telles
11.Luciana Vizotto - Técnico de laboratório
12.Lucimar Lopes Fialho - Técnico de laboratório
13.Manuela Guedes
14.Marcelo Martins de Oliveira - Técnico de laboratório
15. Marco Aurélio Raz- Técnico de laboratório
16.Neila Maria Cassiano - Técnico de laboratório
17.Paulo Roberto Lambertucci - Técnico de laboratório
18.Valdir Vaz - Técnico de laboratório

Lista de ex-Docentes do DQ

Adalberto Perdigão P. de Toledo
Adhemar Colla Rúvolo Filho
Alberto Nicodemo Senapeschi
Alcindo Aparecido dos Santos
Adalberto Perdigão P. de Toledo
Adhemar Colla Rúvolo Filho
Alberto Nicodemo Senapeschi
Adalberto Perdigão P. de Toledo
Adhemar Colla Rúvolo Filho
Alberto Nicodemo Senapeschi
Alcindo Aparecido dos Santos
Adalberto Perdigão P. de Toledo
Adhemar Colla Rúvolo Filho
Alícia Batana
Annik Bunge
Antonio Aparecido Mozeto
Alzir Azevedo Batista
Carlos Ventura D'Alkaine
Carlos F. Bunge
Eduardo Fausto de Almeida Neves
Edward Ralph Dockal
Eliezer de Jesus Barreiro
Elson Longo
Elizabete de Mattos Moraes
Fátima Manzano
Fulvia L.M.G. Stamatto
Ione Iga
Iran Pedro
João Valdir Comasseto
José Carlos Nogueira
José Tércio Barbosa Ferreira
Lee Mu Tao
Leopoldo Tadeu Caruso
Luiz Henrique Ferreira
Luis Otávio de Sousa Bulhões
Marcelo Nalin
Marden Antonio de Alvarenga
Mario Tolentino
Margarida Moraes
Massami Yonashiro

Milton Capelato
Paulo Cesar Vieira
Roberto Ribeiro da Silva (Boby)
Ronaldo Santos Barbieri
Rosa Maria Bonfá Rodrigues
Servulo Folgueras Dominguez
Sonia Regina Biaggio Rocha
Timothy John Brocksom
Ursula Brockson
Wania Moreira
Willibrordus Copray

Grupo PET-Química

Criado em 1988, nove anos após o início nacional do programa em 1979, o PET Química foi o primeiro grupo de Educação Tutorial da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), o projeto foi implementado pelo Prof. Dr. Sérvulo Folguera Dominguez, que se tornou seu primeiro tutor e permaneceu no cargo até o ano de 1990. Naquela época, o grupo ainda se chamava Programa Especial de Treinamento e era mantido pela CAPES, seu principal objetivo era a orientação de estudantes de graduação para que prosseguissem em carreiras acadêmicas.

Com o passar dos anos o programa se modificou, em 1998 passou a funcionar sobre a tutela do Ministério da Educação (MEC) e em 2004 teve seu nome modificado para Programa de Educação Tutorial, que é utilizado ainda hoje. Foi neste momento que atividades como o Química na Praça e o Circo da Ciência , eventos que hoje são tradicionais e que foram pensados a partir da indissociabilidade da tríade de ensino, pesquisa e extensão, foram criados, permanecendo até hoje no repertório de projetos do grupo.

Ao longo dos seus 30 anos de existência, passaram pelo grupo mais de 150 alunos de graduação que hoje atuam nas mais diversas áreas, sendo notável a participação de ex-petianos em instituições de ensino renomadas, contribuindo para a pesquisa científica brasileira e na formação de crianças, adolescentes e jovens, além de atuando em grandes empresas brasileiras e internacionais. O PET Química também conta com a atual tutora, Prof. Dulce Helena Ferreira de Souza e outros onze ex-tutores, que certamente muito contribuíram para a formação individual de cada petiano e de identidade do grupo.

CAQui- Centro Acadêmico da Química

Desde meados dos anos 80, o CAQui UFSCar, Centro Acadêmico da Química, tem o objetivo de representar, integrar e expandir a Comunidade Acadêmica e seu acesso. Com esse objetivo traçado, o CA tem uma agenda de propor e lutar por uma Universidade não apenas massificada, mas democrática, aonde a aluna ou aluno que entre consiga permanecer e produzir novos conhecimentos científicos, que não sejam capturados pelas vontades das grandes corporações, mas que retorne ao povo, quem realmente precisa; que a Universidade seja um espaço livre de ódio e medo, para que todos possam manifestar sua expressividade, compreendê-la e ampliá-la, rompendo com paradigmas hegemônicos que impedem a liberdade de expressão.

A fim de cumprir a Agenda, o Coletivo divide os membros em Pastas de acordo com as suas proficiências e disponibilidade de aprendizado, formando a Diretoria Geral, Pasta Acadêmica, Pasta Política, Pasta de Eventos, Pasta de Esportes, Pasta Financeira e Pasta de Criação e Comunicação.

A Diretoria Geral fará a coordenação organizativa e mediação entre pessoas e Pastas, tornando o trabalho mais integrativo, coeso e coerente.

A Pasta Acadêmica faz o trabalho de ampliar o repertório Acadêmico da comunidade, com eventos especiais e inéditos, a fim de fortalecer a Graduação da comunidade universitária.

A Pasta Política é responsável por fazer a intermediação entre Entidades internas e externas da universidade, a fim de propagar a Revolução Cultural alinhada às demandas do movimento Estudantil e defesa do trabalhador, unindo a teoria à prática.

A Pasta de Eventos, assim como a de Esportes, fazem atividades paralelas ao dia a dia das(os) estudantes, visando retirar o cansaço psicológico e físico que o cotidiano apresenta.

A Pasta Financeira fica encarregada de manter o Caixa em constante movimento para investimentos na Comunidade Acadêmica, tanto em mantimentos físicos, e suprimentos culturais e subjetivos.

A Pasta de Criação e Comunicação faz a divulgação e permite a expansão da imagem do Coletivo, o que alavanca os contatos e amplia a interação entre Coletivos, congregando uma maior massa estudantil.

Tudo isso de forma a fornecer delírios, na tentativa de nos emancipar da caixa que nos engloba e limita, alcançando em primeiro momento a apercepção da caixa,

progredindo para a sua saída, o estudo de fora dela, até encontrar novas caixas que devemos nos libertar.

Autor: Felipe Magdalena, membro da Pasta Política.

Chefes do Departamento de Química da UFSCar

Chefe/ Vice chefe Prof. Dr	Período
Mário Tolentino	1972 - 1977
Alberto Nicodemo Senapeschi / Timothy John Brocksom	1977
Timothy John Brocksom / Adalberto Perdigão Pacheco Toledo	1979
José Tercio Barbosa Ferreira / Romeu Cardozo Rocha Filho	1980
Roberto Ribeiro da Silva / Elizabeth de Mattos Moraes	1981
Timothy John Brocksom / Alberto Nicodemo Senapeschi Eliezer Jesus de Lacerda Barreiro /Alzir Azevedo Batista	1982
Timothy John Brocksom / Eliezer Jesus de Lacerda Barreiro	1983
Alberto Nicodemo Senapeschi / Alzir Azevedo Batista	1984
João Batista Fernandes / Luiz Carlos Gomide Freitas	1985
João Batista Fernandes / Adhemar C. Rívolo Filho	1987
Adalberto Perdigão Pacheco Toledo / Adhemar C. Rívolo Filho	1988
Adalberto Perdigão Pacheco Toledo (até 15/08/1989) e Nerilso Bocchi (a partir de 16/08/1989) / Adhemar C. Rívolo Filho (até 15/08/1989) e Orlando Fatibello Filho (a partir de 16/08/1989)	1989
Nerilso Bocchi (até 08/08/1990) e Alberto Nicodemo Senapeschi (a partir de 09/08/1990)/ Orlando Fatibello Filho (até 08/08/1990) e Paulo Cezar Vieira (a partir de 09/05/1990)	1990
Alberto Nicodemo Senapeschi (a partir de 01/10/1990) / Paulo Cezar Vieira (a partir de 09/05/1990)	1990
Alberto Nicodemo Senapeschi (de 01/10/90 a 31/08/92) e Eduardo Fausto de Almeida Neves (a partir de 01/10/92) / Paulo Cezar Vieira (de 01/10/90 a 30/09/92) e Timothy John Brocksom (a partir de 01/10/92)	1993

Eduardo Fausto de Almeida Neves / Timothy John Brocksom	1994
Luís Otávio de Sousa Bulhões / Paulo Cezar Vieira	1995
Luís Otávio de Sousa Bulhões (até 25/10/96) e Milton Duffles Capelato (a partir de 25/10/96) / Paulo Cezar Vieira (até 25/10/96) e Julio Zukerman Schpector (a partir de 25/10/96)	1997
Milton Duffles Capelato / Antonio Gilberto Ferreira	1998
Julio Zukerman Schpector / Milton Duffles Capelato	2000
Julio Zukerman Schpector	2002
Massami Yonashiro	2003
Wânia Conceição Moreira	2004
Antonio Gilberto Ferreira / Edson Rodrigues Filho	2005
Ernesto Chaves Pereira de Souza / Arlene Gonçalves Corrêa	2007
Arlene Gonçalves Corrêa / Ronaldo Censi Faria	2009
Arlene Gonçalves Corrêa/ Edenir Rodrigues Pereira Filho	2011
Edenir Rodrigues Pereira Filho / Julio Zukerman Schpector	2013
Julio Zukerman Schpector / Romeu Cardozo Rocha Filho	2015
Ernesto Chaves Pereira de Souza / Edson Rodrigues Filho	2017
Pedro Sergio Fadini / Fillipe Vieira Rocha	2019
Emerson Camargo / Manoel G. Homem	2021
Kleber Oliveira / Fernando Cruz de Moraes	2023

Coordenadores do Curso de Licenciatura em Química da UFSCar

Coordenador(a) / vice- coordenador(a) Prof(a) Dr(a)	Início	Final
Rosa Maria Bonfá Rodrigues	2000	2002
Luiz Henrique Ferreira/ Clelia Mara de Paula Marques	2002	2004
Clelia Mara de Paula Marques	2004	2006
Clelia Mara de Paula Marques/ Quezia B. Cass	2006	2008
Lucia Helena Mascaro / Dulce Helena Ferreira	2009	2011
Lucia Helena Mascaro / Dulce Helena Ferreira	2011	2013
Dulce Helena Ferreira / Renato L Carneiro	2013	2015
Dulce Helena Ferreira / Tiago Venancio e Emerson Camargo	2015	2017
Tiago Venancio / Regina V Oliveira	2017	2019
Tiago Venancio / Moacir Forim	2019	2021
Moacir Forim / José Mário de Aquino	2021	2022
José Mário de Aquino / Tiago Venâncio	2022	2023
José Mário de Aquino / Manoel G. Homem	2023	2025